


---

Licenciatura Plena em Pedagogia

---

**LETÍCIA NAYARA GOMES QUIRINO**

**CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS DO  
CONTEXTO SOCIAL PARA A  
APRENDIZAGEM**



Rio Claro  
2015

LETÍCIA NAYARA GOMES QUIRINO

**CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS DO CONTEXTO SOCIAL PARA A  
APRENDIZAGEM**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreia Osti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2015

370  
Q8c

Quirino, Letícia Nayara Gomes

Contribuições e influências do contexto social para a aprendizagem / Letícia Nayara Gomes Quirino. - Rio Claro, 2015

63 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Andreia Osti

1. Educação. 2. Aprendizado. 3. Educação formal. 4.  
Educação informal. 5. Saberes sociais. 6. Sentido à educação.  
I. Título.

Aos meus!

E a uma grande companheira nessa caminhada, Natália, que nos deixou precocemente.

## AGRADECIMENTOS

Estando aqui, tão perto de me formar, é impossível esquecer todo o esforço, determinação, sacrifício e ausências que me foi necessário assumir para alcançar o meu propósito. Mas agora, tudo já não é mais uma ferida que dói e faz sofrer, mas se aproxima a uma cicatriz. Aquela que apesar de não mais causar dor, sempre nos remete a lembrarmos do momento que passamos para consegui-la. E posso dizer: valeu a pena!

Entendo que não foi de forma fácil e solitária essa conquista, mas compartilhada direta ou indiretamente com aqueles que me querem bem e pelos quais também quero bem. Pessoas, ações, vivências, estudo, contexto social, contexto familiar, subjetividade e diversos outros fatores contribuíram para que pudesse fazer um TCC. Dessa maneira, descrevo de forma sucinta, mas com grande alegria e satisfação a minha gratidão.

A todos os meus: mãe, pai, irmãos, cunhados, meus queridos sobrinhos, meu amado marido, demais familiares e poucos amigos. Vocês que me incentivaram e me inspiraram a chegar onde estou. Agradeço por se orgulharem de mim, pois quando a minha força não era o bastante em vocês eu pensava para me reestabelecer, lembrando-me da confiança, do orgulho e da satisfação que sentiam pelo o que já havia conquistado. Meu ânimo e resistência, muitas vezes, se residia no pensamento de não decepcioná-los. Agradeço por compreenderem as ausências. Paulo, meu amor, obrigada pelo amor, apoio, compreensão e responsabilidades compartilhadas.

Aos colegas de curso, professores e demais contribuições. Por todos os diálogos, discussões, vivências, relatos, compartilhamentos, reflexões, estudo, ensinamentos, enfim. Estou saindo com uma bagagem, com um pensamento, com um modo de agir bem mais amplo do que com o qual eu entrei. Sinto uma evolução pessoal e intelectual, resultando na ampliação de meus horizontes e melhor visão de mundo. Foi um investimento que eu jamais abriria mão. Aprendi muito mais do que o conteúdo pode ensinar. Aprendi ver além! Obrigada por compartilharem comigo dessa incrível experiência universitária. Especialmente Daviane e Maysa.

De maneira especial, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de poder conviver, mesmo que por pouco tempo, mas que valeu muito, com a pessoa incrível que foi a querida companheira de turma, Natália Frizzi Veronezzi (in memoriam). Não havia um semestre que se iniciava ou terminava que eu não pensasse como poderia ser diferente e melhor se ela estivesse lá.

A minha orientadora, Andreia Osti, agradeço por tanto compromisso. Sou grata pelas horas que se despendeu para ler e me auxiliar no que fosse preciso, tornando possível a concretização desse trabalho.

Sem mais, agradeço a Deus, por ser meu sustento, meu porto seguro, por proporcionar um pouco da Tua sabedoria que é mais valiosa de todas.

## Nicolau tinha uma ideia

Era uma vez um lugar onde cada pessoa só tinha uma ideia na cabeça.

João tinha uma ideia assim: @

Maria tinha uma ideia assim: &

Pedro tinha uma ideia desse jeito: %

E Manuela tinha uma ideia desse jeitinho: #

Um dia, apareceu um homem chamado Nicolau.

A ideia de Nicolau era assim: \$

Logo que Nicolau chegou, foi procurar João.

E contou sua ideia a ele.

E João ficou com duas ideias na cabeça: @\$

João contou a ideia dele para Nicolau.

E Nicolau ficou com duas ideias na cabeça: \$@

Aí, Nicolau foi contar sua ideia para Maria.

E Maria ficou com duas ideias na cabeça: &\$

E contou a Nicolau a ideia dela.

Nicolau ficou com três ideias na cabeça: \$@&

Nicolau falou com Pedro, com Manuela e uma porção de gente mais.

Nicolau ficou cheio de ideias. E as ideias de Nicolau começaram a se misturar uma com as outras e a formar muitas outras ideias: \$@&%#!;")(^

Então, as pessoas começaram a achar que era muito divertido ter muitas ideias na cabeça.

Começaram a procurar Nicolau para ele contar as ideias que ele agora tinha.

E todo mundo foi ficando com uma porção de ideias na cabeça.

Aí, cada um resolveu trazer os filhos para o Nicolau contar as suas ideias.

Nicolau teve que arranjar um lugar grande, onde ele pudesse contar às crianças as suas ideias.

E naquele lugar, agora, todo mundo tem uma porção de ideias. Como você que também conversa com os outros, ouve as ideias deles e aprende uma porção de ideias na escola.

Ruth Rocha

## RESUMO

O trabalho que se segue pretende compreender como as influências do contexto social afetam a aprendizagem. Busca-se entender como o ambiente em que o ser humano está inserido interfere em sua aprendizagem, visto que nos tornamos e temos por base, se considerarmos as aprendizagens informais, aquilo que vivenciamos, ou seja, aquilo que nos foi oportunizado e ensinado socialmente. Porém, na sociedade existem várias peculiaridades, culturas e necessidades individuais. Dessa forma, objetiva, levando em conta as diferentes facetas, compreender se o processo ensino-aprendizagem se faz diferente em relação ao contexto social. Para a realização do trabalho, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, em que será feita uma revisão bibliográfica de obras consideradas indispensáveis para o tema, tendo por base fundamentalmente, as contribuições de Vygotsky e Freire, dentre outros, como forma de melhor entender esse processo.

Palavras-chave: Contexto social. Contribuições. Influências. Aprendizagem.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Contribuições de Vygotsky e teoria histórico-social para entendimento do processo de aprendizagem.....</b>	<b>16</b>
	2.1 Primeiras palavras: caracterizando Vygotsky.....	16
	2.2 Desenvolvimento humano: questões de aprendizado.....	18
	2.3 Concepções de Vygotsky: signos, instrumentos, memória, fala, brinquedo e a zona de desenvolvimento proximal.....	21
	2.4 Relevância da teoria histórico-social para o trabalho pedagógico.....	25
<b>3</b>	<b>Contextualizações históricas e contemporâneas: sociedade, infância e educação.....</b>	<b>30</b>
	3.1 Fundamentado por Ariès: História Social da Criança e da Família.....	30
	3.2 Perspectivas atuais para a compreensão da sociedade e educação.....	33
<b>4</b>	<b>Contexto social e educação.....</b>	<b>37</b>
	4.1 Vida social para a humanização, aprendizado e desenvolvimento.....	37
	4.2 Conhecimento e sociedade: saberes sociais.....	39
	4.3 Contexto econômico: contexto social: grupos sociais.....	42
	4.4 Contexto social e perspectiva de vida.....	46
	4.5 Educação como instrumento de superação.....	49
<b>5</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

Não é difícil perceber as desigualdades sociais que existem em nosso país, sejam elas de caráter cultural ou econômico. Dessa forma, pela configuração múltipla da sociedade é necessário um olhar investigativo acerca dessa questão: quais são as contribuições e influências do contexto social para a aprendizagem? Tendo em mente essa perspectiva foi pensado e realizado esse trabalho, com auxílio das teorias histórico-social, em especial, os subsídios deixados por Vygotsky.

Desde antes de ingressar no meio acadêmico, já me interessava pensar as influências que a família e a sociedade tinham no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Por meio da observação, pela introdução à pesquisa, pela prática profissional iniciada e pela atual conjuntura social - globalização, tecnologia, grupos sociais: escola, igreja, trabalho, etc., o objeto de pesquisa focou-se então, em torno do contexto social, já que esse retêm mais esferas espaciais e temporais na vida do sujeito, como afirmam alguns estudos. Dentre eles, Carvalho (2004), acredita que o contexto extrafamiliar pode fornecer maior poder de influência no indivíduo, sendo ela negativa ou positiva.

Como nos apresenta Guidetti e Martinelli (2009), a família e o contexto social são uma influência para a criança e o adolescente no que diz respeito ao seu desenvolvimento emocional, social e para sua aprendizagem. Porém é necessário buscar compreender com mais relevância as influências que são geradas nos adolescentes e nas crianças referente ao meio social que estão inseridos. Considerando a família como o primeiro ambiente social que a criança tem acesso, pode acontecer de as relações que estabelece fora desse contexto servirem de estimulação, motivação e influência maior para sua formação e alcance para os objetivos esperados na vida. O contexto extrafamiliar pode fornecer maiores recursos e possibilitar uma melhor visão sobre a própria vida do indivíduo, exercendo assim, maior poder de influência no indivíduo que está se formando.

Com o apoio de Carvalho (2004, p. 53) e refletindo sobre o mundo atual em que vivemos, podemos inferir que houve uma diminuição do tempo efetivo que as famílias têm com as crianças, requerendo a escola, outras instituições e até mesmo vizinhos e desconhecidos, a assistência dos cuidados, que vai do cuidado físico e emocional, chegando até social, moral e educacional. Essa diminuição de

convivência e de tempo juntos entre os membros da família, pode ser explicada pela crise da família nuclear, como pode ser entendida nos estudos como o de Rodrigues (2003); Ceccarelli (2007); Silva et al (2008), em que é analisado a nova configuração e organização familiar como é frequentemente visto nos dias atuais: a família formada por apenas pai ou mãe e seus novos parceiros, as tutelas divididas, os divórcios, mães trabalhadoras e chefes de família.

Vale ressaltar que a busca não é dizer que a família não cumpre um papel importante para o desenvolvimento humano. Pelo contrário, para alguns autores (Maturana e Verden-Zöller, 2004; Guidetti e Martinelli, 2009), a família e a relação de afeto é elemento essencial para a construção do humano e da convivência com o outro. Todavia, não podemos nos esquecer de que a contemporaneidade formou uma nova configuração, e não é mais a família que retêm maior poder de prestígio para a formação do indivíduo, sendo assim, deve ser analisada os aspectos positivos e negativos que o contexto social pode gerar na aprendizagem.

Para Vygotsky – teórico central para o entendimento da influência do contexto social para a construção do indivíduo-, “o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola.” (VYGOTSKY, 2007, p. 94). Assim sendo, no contato com a família, vizinhos, amigos, com o chefe da mãe ou empregado do pai etc., a criança vai se relacionando com o outro de diversas formas, tendo proximidade com a maneira como o próximo fala, se comporta, com o seu meio social, sua condição financeira, cultural, enfim. Formando assim, como afirma Freire (1996), a bagagem, no sentido conotativo, referindo-se as vivências do indivíduo de forma social, cultural e histórica, que o acompanhará em sua inserção na escola, chocando, agregando e complementando com a bagagem de outros colegas e com a própria cultura escolar.

Tendo por base as diferentes culturas, necessidades e formas de viver que encontramos na sociedade, ou melhor, peculiaridades vindas de diversos grupos sociais, é que o homem consegue estabelecer relações e se adaptar em um determinado contexto social, o qual vai influenciar de alguma maneira sua vida atual, e suas decisões futuras, de acordo com o que é socialmente valorizado no meio em que está inserido. A escola, por sua vez, deve compreender e respeitar “[...] quem eles são e quem eles desejam ser” (BIESTA, 2013, p.22), pois a criança está se

formando antes mesmo de adentrar nesse local, recebendo com grande influência em si, mesmo que inconscientemente, o valor que a educação tem para o grupo social ao qual pertence. Para Vygotsky (2007), as atividades externas, o processo interpessoal, vivido e partilhado entre as pessoas transformam-se em processo intrapessoal, em que os indivíduos internalizam o externo como sendo parte integrante de sua vida. E, sabendo que é realidade que encontrará os dois extremos, cabe a escola cumprir o papel, seja ele de conservar e ampliar o que este ingressante traz ou fazer com que ele se inspire a explorar esse novo local e desbravar novos saberes.

De acordo com Vygotsky (2009), o indivíduo se forma tendo por base as experiências já vividas em algum momento histórico por outras pessoas – o conhecimento já é, por si só, uma construção histórica-, e assim, se relacionando com o outro, constrói sua personalidade e seu conhecimento, sendo influenciado por seus pares próximos. Com o auxílio das experiências que o homem teve em sua vida, com base na relação com o outro, ele é capaz de criar e projetar o futuro, e contribuir para modificar o presente. Por esse motivo, é possível compreender a importância das relações sociais e o compartilhamento das experiências vividas pelos sujeitos para a formação do indivíduo em todas as esferas, incluindo no âmbito educacional.

Nesse sentido, podemos utilizar Freire (1996), quando alunos, que, na perspectiva escolar, tem no olhar dos educadores e demais profissionais da educação a afirmativa de que não poderão chegar a atingir propósitos grandes. Como recurso de comparação, uso a seguinte argumentação de Freire contrária a essa questão, a qual não condiz e representa seu pensamento: “[...] crianças do Terceiro Mundo, acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento.” (FREIRE, 1996, p. 17). Esse trecho nos leva a refletir e a entender que, apesar dos julgamentos, representações, ideias e concepções, que são criadas no contexto social e educacional, nós só nos tornamos humanos por meio da relação com o outro, das suas experiências, vivências. Assim o ser humano é capaz de ir além daquilo que o subestimam se encontrar propósito que o motive a superar as limitações impostas. E isso vai além da educação formal nas escolas, se constrói no grupo ativo que aluno tem referência e o qual o faz participar e construir uma

sociedade mais democrática, com vista a ser “[...] mais do que um ser no mundo” (FREIRE, 1996, p. 20), já que nos compomos para além da instituição escolar.

Paro (2012, p. 591) nos faz analisar, com o termo “sociedade do conhecimento”, que as aprendizagens vão além do contexto escolar, bem como autores como Vygostky (2007; 2009), Freire (1975; 1996), Biesta (2013). Outros órgãos ou instituições sociais conseguem com maior eficiência estimular as pessoas para o conhecimento que está sendo transmitido, mesmo sendo saberes informais e não sistematizados.

Fazemo-nos humanos à medida que nos apropriamos da cultura. (PARO, 2011, p. 496). Talvez seja esse o motivo que as aprendizagens informais se consolidam de forma tão importante na vida dos indivíduos – e todo aprendizado deve ser -, mas o que ocorre é que nem todas as escolas se comprometem a prover cultura – principalmente para os mais pobres. O reflexo dessa situação é que as pessoas acabam obtendo a aprendizagem significativa longe do âmbito escolar. Como podemos perceber em momentos informais, em que os indivíduos deixam transparecer que tem mais interesse e nutrem maior carinho e preferência por outras instituições e grupos do que com a escola. O aluno que não se sente parte da cultura escolar e não vendo significado de ser, acaba se distinguindo cada vez mais da escola e se agregando dos conhecimentos e valores no convívio social. Levando em consideração que

“[...] as informações e os conhecimentos usualmente só ganham interesse por parte do educando se estiverem no contexto de toda a cultura. Não se pode esquecer que os valores (querer aprender, por exemplo) são componentes culturais.” (PARO, 2011, p. 488).

Muitas vezes, é comum observarmos nas expressões ou palavras por parte de educadores, a preconceção ou julgamento acerca do futuro dos estudantes. Essas concepções inibem a forma de ser daqueles que já não possuem muitas perspectivas, pois não lhes foi apresentado outras oportunidades, e não consideram que o contato social, pode dar sentido à vida da criança ou jovem. Com referência aos estudos de Vygostky (2007; 2009), as capacidades de aprender, criar e outras, não são fatores meramente biológicos, mas sim elaborados e facilitados socialmente num processo social de interação com o próximo.

Freire (1996) nos permite analisar que não é só pelo conhecimento, mas sim por causa do processo de aprender que o sujeito é capaz de se tornar autônomo e crítico, para assim atuar no contexto social que está inserido. A educação se torna assim, libertadora da ignorância e da dominação. Nessa perspectiva, tanto para com os mais favorecidos, quanto para os menos favorecidos, deve ser aberto espaço ao diálogo, a fim de compartilhar experiências, angústias e críticas. O aluno também tem o que ensinar, e tendo espaço para se expressar, se sentirá parte do processo de ensino-aprendizagem, o que gerará de fato, conhecimento significativo, este que faz sentido de ser, pois terá significado em situações do dia a dia, do cotidiano do educando, de uma forma crítica e não passiva.

As pessoas são diferentes. Os professores são diferentes. Os alunos são diferentes. É certo que vivemos em contextos e realidades diversas, com objetivos variados, mas que devem gerar a união, o compartilhamento das diversidades para prevalecer uma sociedade ainda que desigual, com oportunidades e conhecimentos de livre acesso para todos. E a responsabilidade do professor é justamente essa: estimular o aprendizado e buscar meios de ensinar de diferentes maneiras, pois cada indivíduo reage aos estímulos externos de forma única. É necessário respeitar o ponto de partida, o qual nunca é o mesmo, mas garantir que o ponto de chegada seja alcançado em igualdade, como reflete Saviani (2005, p. 80). Assim, também seria uma forma de unir as diversas culturas e realidades que existem em nosso país, para construirmos uma sociedade menos dualista, o qual vem se fortalecendo na sala de aula, pela visão descabida dos próprios professores que não veem potencial nos alunos menos favorecidos ou que possuem outra velocidade para a aprendizagem.

Segundo Paro (2012), a educação ocorre na relação e por meio da mediação entre os sujeitos, e é pela educação que se forma o indivíduo capaz de desempenhar um papel de relevância no meio social. Dessa forma, utilizando Vygostky (2007; 2009), é profundamente essencial para o desenvolvimento cognitivo a interação entre os pares, inclusive com os que estão mais experientes em tal assunto, para assim se alcançar o nível desejado por meio da mediação, do contato e do diálogo. O aprender deve ser pensado como uma responsabilidade compartilhada, sendo afetado tanto por fatores intrínsecos, que são particulares do aluno, faz parte das suas ações pessoais, quanto extrínsecos, que se produzem

exteriormente, com base nas experiências com o outro e por tudo que é vivenciado no ambiente que se relaciona. É necessário que a escola atinja os objetivos sociais, proporcionando uma aprendizagem significativa e ampla, incluindo a múltipla cultura e compreendendo as diferentes realidades, para assim conseguir uma aprendizagem efetiva do ponto de vista político e social.

O papel do outro é fundamental na constituição do eu e no desenvolvimento e na aprendizagem que fazem ao longo da vida. (KRAMER; NUNES e CORSINO, 2011). Para evoluirmos, ultrapassarmos nossa condição presente que temos em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem é necessário que tenhamos referências que nos orientem para isso. O outro, sendo somente um indivíduo ou um grupo social, ou até mesmo a sociedade em geral, tem influências sobre a construção do sujeito. Nas relações com o outro encontro vivências diferentes da minha, dessa forma, pelas diferenças e pelo respeito concebido me construo e também sou parte da construção do outro. Além disso, como complementa Paro (2008), quando eu sei que só existo na relação com o outro, existe um outro que também tem interesses, tem desejos, e eu tenho que conviver com ele. Dessa forma, a convivência com o próximo além de gerar um compartilhamento de conhecimento e cultura de forma natural, também deve ocasionar a construção da moral e do respeito mútuo, já que encontro o que é diferente de mim, “um mundo de pluralidade e diferença”. (BIESTA, 2013, p. 27).

O conhecimento dos conteúdos escolares, exigido pela sociedade e compartilhado dentro de sala de aula se constrói significativamente, na relação professor- aluno e em todos os outros aspectos que ali se fazem presentes, visíveis ou imperceptíveis. Ao mesmo tempo em que o professor, exerce o papel de ensinar, ele está envolvido e se relaciona com as diversas formas de conhecimentos que seus alunos trazem consigo. O âmbito social deve ser levado em consideração quando pretendemos entender o aprendizado, em vista de esse ocorrer em diferentes realidades, concepções e culturas, em que cada grupo social tem seus interesses, necessidades e ambições referentes ao mundo, e o sentido que esses atribuem a educação também tem variações.

Algumas iniciativas para que a escola se torne mais interessante e provedora de vivências significativas para os alunos podem ser teoricamente encontradas nos

Parâmetros Curriculares Nacionais. É reconhecida a importância de se permitir que a comunidade adentre no ambiente escolar bem como a escola ocupe todos os espaços possíveis da sociedade, tais como museus, teatro, cinema, fábricas, marcenarias, estabelecimentos comerciais, postos de saúde etc. (BRASIL, 1998, p. 95), para assim firmarmos um conhecimento real e integral. Porém há sempre justificativas a serem dadas pela omissão do compromisso e responsabilidade em se realizar com êxito o trabalho pedagógico.

O tempo é sempre colocado como um problema a ser enfrentado pela equipe escolar. Falta tempo para se ensinar tudo o que é necessário, falta tempo para um convívio escolar mais intenso, falta tempo para trabalhar coletivamente, seja no planejamento das atividades escolares, seja dentro da sala de aula. Falta tempo para ouvir os alunos, os pais, prestar atenção neles. Falta tempo, finalmente, para olhar para o próprio trabalho e para redirecioná-lo. (BRASIL, 1998, p. 94).

Mediante o exposto, podemos compreender que as diferenças configuram uma realidade, assim entendemos que a aprendizagem se faz diferente entre as pessoas, porém como nos salienta Paro (2008, p. 86, 87), o mais importante para garantir uma aprendizagem significativa em que os educandos realmente sejam parte do processo de ensino e que consigam obter uma aprendizagem, é necessário que esse consiga entender essa aquisição como algo indispensável para sua vida. Para tanto, é fator determinante que o professor consiga inspirar o aluno a querer aprender, que através de uma motivação externa o indivíduo a incorpore intrinsecamente.

Como podemos reconhecer com as contribuições de Vygotsky (2007, 2009), o conhecimento é algo construído historicamente e descoberto pela criança pela mediação do adulto. Pensando especificamente na escola, no compartilhamento dos conhecimentos formais, é necessário que o professor seja mediador entre o objeto de conhecimento e o aluno, no sentido de que não só apresente o conteúdo de forma exposta, mas que se preocupe em construir junto a aprendizagem de forma que essa seja explorada entre ambos, tornando assim um conhecimento relevante não só para a vida escolar, mas que o aluno seja capaz de atribuir sentido a ele nas diversas situações da sua vida e da sociedade. Por meio dessa mediação entre o educador e o educando, pelo estímulo, pela figura do professor em ser um gerador de conflitos para que o conhecimento seja descoberto, é que o aprendiz



demonstrará autonomia para executar diversas ações sozinho, pois já adquiriu capacidades.

A presente pesquisa visa o entendimento de como o contexto social pode influenciar e contribuir positivamente e negativamente para a aprendizagem, posto que já foi levantado, que, no mundo atual, as relações sociais possuem maior espaço temporal, e talvez maior influência do que o meio familiar na vida das crianças e adolescentes.

## **2 Contribuições de Vygotsky e teoria histórico-social para entendimento do processo de aprendizagem**

### **2.1 Primeiras palavras: caracterizando Vygotsky**

Se observarmos a história da sociedade humana encontraremos características distintas e divergentes entre o passado e o que constatamos hoje; a cultura, formas de comportamento (hábitos e costumes), forma de trabalho e instrumentos, relações interpessoais etc., se modificam com o decorrer do tempo conforme as necessidades da humanidade. Sendo assim, a perspectiva que nos parece mais pertinente ao analisar a aprendizagem por apresentar conceitos adaptáveis e atuais para a nossa sociedade, foi a de Vygotsky.

Em sua vida como psicólogo, Vygotsky propôs estudar elementos que são muito úteis à educação, deixando como herança para a sociedade fundamentos sobre vários temas. Porém após sua morte, a tarefa de aprofundá-los ficou sob a responsabilidade de seus sucessores. Ele não acreditava na premissa, até então existente, de que a criança já possuía as funções intelectuais pré-formadas, estando apenas à espera de maturação e ocasião para se manifestar. Tendo sido fortemente influenciado por Karl Marx, sua teoria sócio-histórica tem base na compreensão das contribuições e influências do contexto social, considerando que a sociedade é mutável, e essas transformações são edificadas segundo o sistema capitalista, gerando a necessidade de a humanidade adaptar-se.

Ao analisar psicologicamente o ser humano considerou que ao contrário do animal, o homem é capaz de se modificar em sua trajetória, como por exemplo, o homo-sapiens. Baseou-se em estudos antropológicos e sociológicos, assim como nas ciências sociais, história da cultura e sociedade e a história individual da criança, analisando suas vivências. Vislumbra essa análise não sendo como simplesmente o estudo de um evento do passado, dos outros ou do próprio indivíduo, mas salienta que: *“Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança. [...] uma vez que “é somente em movimento que um corpo mostra o que é.”* (VYGOTSKY, 2007, p. 68, grifo do autor)

O controle da natureza e o controle do comportamento estão mutualmente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a

própria natureza do homem. (VYGOTSKY, 2007, p. 55). Na abordagem dialética, Vygotsky é conhecido por afirmar que a natureza influencia o homem e que esse age sobre a natureza, e, ao afetá-la, simultaneamente agrega modificações em si. Premissa essa que se refere à teoria histórico-cultural e sócio-cultural.

Visando da ideia de que as mudanças históricas na sociedade e na vida material afetam e geram mudanças no indivíduo, compartilhando assim dos pensamentos marxistas, Vygotsky se consolidou. Por essa ótica aliando a psicologia, constatou que pelo trabalho e a conseqüente necessidade de produzir instrumentos eram concebidos alterações no intelecto do homem (aprendizado e desenvolvimento) e em seu comportamento. Afinal para criar algo é necessário pensar, refletir e imaginar sobre, e nessa dinâmica exige-se raciocínio e busca de ligações com o que já se sabe, fazendo com que o sujeito se transforme evoluindo daquilo que era anteriormente. Por esse motivo é crença que a estrutura social, atividades produtivas e tecnológicas servem como parâmetro para se compreender as funções psicológicas, pois a mudança individual é por consequência e referência da sociedade e da cultura. Já que o ser humano é capaz de controlar e moldar seu comportamento, indo além de sua raiz genética pelo contato social, através da memória e outras funções e estímulos extrínsecos, internalizando as influências sociais.

Em seu tempo, a ciência era muito valorizada e se esperava encontrar nela a solução para os problemas da comunidade. Dessa forma, era aguardado o remédio que saciasse os problemas da educação e ciência médica, no que mais especificamente se mencionava a compreensão do processo de aprendizagem como tentativa de se eliminar o analfabetismo, e que, gerasse um prisma para um olhar singular e certo ao aluno a fim de potencializar suas capacidades, o que ocasionou uma psicologia verdadeiramente consistente.

Apesar de discordar de estudiosos de seu tempo, como Thorndike, Piaget e Koffka. Vygotsky buscava resgatar esses pensamentos para enriquecer e aprimorar sua própria ideia.

## 2.2 Desenvolvimento humano: questões de aprendizado

Vygotsky elenca vários fatores que estão envolvidos no surgimento da aprendizagem: signos, instrumentos, símbolos, memória, mediação, internalização, brinquedo etc., todos intrínsecos e caminhando juntamente ao desenvolvimento. Cabe, entretanto salientar que aprendizado não é desenvolvimento, porém um processo contribui com o outro.

Aprender: “resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.” (VYGOTSKY, 2007, p. 103). O ser humano, ao aprender algo, gera em seu intelecto o desenvolvimento de certas capacidades. Por motivo dessa aquisição, são ultrapassados os limites antes existentes; é alcançado exercer ações que antes eram limitadas, uma vez que o indivíduo está amadurecendo. Todavia, existem aprendizados que, para serem consolidados, exigem que o indivíduo tenha desenvolvido certas capacidades, obtendo o amadurecimento necessário para aquisição de novos conhecimentos. É por essa razão que é dito que aprendizado e desenvolvimento estão interligados desde o nascimento, mas salientando que cada um tem sua especificidade.

De maneira reflexiva em relação a esses dois conceitos, considero que o aprendizado é o próprio conhecimento, ou seja, são as aquisições de saberes. E o desenvolvimento são os aprendizados maturados no intelecto do indivíduo, o que proporcionará as capacidades de estabelecer relações, de raciocínio e outras. Quanto mais o sujeito se desenvolver mais conseguirá compreender coisas complexas. E assim, quanto mais tem a capacidade de aprender coisas complexas mais estará se desenvolvendo.

Eidt (2010) também nos faz compreender de forma clara o desenvolvimento e a aprendizagem na perspectiva histórico-cultural, quando afirma:

“[...] é a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento. A educação escolar não “espera” pelo desenvolvimento das funções psíquicas, mas condiciona seu desenvolvimento, por meio do processo de aprendizagem. Além disso, nessa perspectiva, o ensino deve ser organizado tendo em vista que a escola dirige o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas, sim, para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando como um motor de novas conquistas intelectuais, por um lado, não

se restringindo ao que o aluno já sabe e, por outro lado, não indo além daquilo que ele é incapaz de fazer, mesmo com auxílio.” (EIDT, 2010, p. 179, grifo do autor).

Considera-se que o aprendizado promove início em certos aspectos do desenvolvimento. Como recurso de explicação, ouse a seguinte analogia: quando uma jovem engravida e tem um filho no início de sua adolescência, supõe-se que ela irá aprender a lidar com essa situação, até mesmo antes de estar preparada para tal responsabilidade. Ou seja, por meio da necessidade de seu aprendizado, exigiu-se que também houvesse um avanço em seu desenvolvimento, uma maturação necessária para essa realidade que se configurou.

Por ocasião de clareza de tais elementos, foi ainda possível elaborar um conceito abstrato muito consistente para se analisar o nível de aprendizagem em que o indivíduo se encontra: a Zona de Desenvolvimento Proximal. O ser humano se constrói primeiramente no contato com o outro, no convívio social, recebendo influências externas, chamada interpessoal ou interpsicológico. Logo, essa vivência se internaliza, tornando-se intrapessoal ou intrapsicológico, contribuindo para a construção individual, o qual é um conceito chamado internalização. Parte do pressuposto de que os indivíduos são seres participantes e ativos de sua própria existência, criando novos meios para adaptar-se de acordo com as suas necessidades, fazendo com que na superação de cada estágio de seu desenvolvimento, cada vez alcance mais meios para intervir em si mesmo, no que se refere ao seu comportamento e aprendizagem, como ao seu redor, influenciando os desiguais.

O vivente se consolida em sua aprendizagem e em seu desenvolvimento pela combinação de novas funções psicológicas, com início na mediação e na memória, o qual depende crucialmente de suas experiências sociais.

Para o autor, nada é estático e pré-determinado. Ao contrário, no decorrer do progresso da humanidade são que os gestos, hábitos e comportamentos são construídos ou transformados. Partindo desse ponto de vista, é semelhante o processo que envolve a concepção de aprendizagem, ou seja, a qual é entendida também como construção histórica de conhecimento e cultura, que sofre alteração dependente do ambiente social que o indivíduo nasce ou se integra de alguma forma. Tendo visto, é de grande importância a interação entre os pares, a mediação

e o compartilhamento de experiências para a construção do eu, pois se o conhecimento é produção histórica, a educação é um processo eminentemente social.

“[...] a cada novo estágio, a criança não só muda suas respostas, como também as realiza de maneiras novas, gerando novos “instrumentos” de comportamento e substituindo sua função psicológica por outra. Operações psicológicas que em estágios iniciais eram realizadas através de formas diretas de adaptação mais tarde são realizadas por meios indiretos. A complexidade crescente do comportamento das crianças reflete-se na mudança dos meios que elas usam para realizar novas tarefas e na corresponde reconstrução de seus processos psicológicos.” (VYGOTSKY, 2007, p. 80).

A aprendizagem é resultado de acumulações graduais. Não acontece em forma circular, como se ciclos fossem finalizados e independentes de outros. No entanto, como o autor denominou, acontece em espiral, em que certas funções psicológicas do indivíduo retomam a um ponto já desbravado a cada nova necessidade de evolução, semelhante a um aperfeiçoamento de velhos métodos e dependência desses para se atingir um nível superior. Por consequência, desenvolvimento, aprendizado e comportamento se alteram conjuntamente.

Vygotsky acreditava que aprendizagem e desenvolvimento deveriam ser encarados de maneira diferente do era pregado por outros teóricos de sua época. Naquele momento existiam três grandes posições teóricas, em que a primeira compreendia que o desenvolvimento sempre antecedia a aprendizagem, sendo a última pura consequência do desenvolvimento humano. A segunda postula que o aprendizado é o próprio desenvolvimento. Há similaridades no decorrer das duas posições teóricas, porém as diferenças residem quando se refere às relações temporais entre os processos de aprendizado e desenvolvimento, sendo que na primeira teoria “[...] os ciclos de desenvolvimento precedem os ciclos de aprendizado; a maturação precede o aprendizado e a instrução deve seguir o crescimento mental.” Agora na segunda “[...] os dois processos ocorrem simultaneamente; aprendizado e desenvolvimento coincidem em todos os pontos, da mesma maneira que duas figuras geométricas idênticas coincidem quando superpostas.” (VYGOSTKY, 2007, p. 90).

Na terceira posição teórica, a tentativa é combinar as duas anteriores, rompendo com os extremos. O desenvolvimento é uma ligação entre maturação

(desenvolvimento do sistema nervoso) mais aprendizado (processo de desenvolvimento), onde os dois processos são mutuamente dependentes, porém não semelhantes. Acreditava-se que era possível estabelecer algum tipo de princípio estrutural que possibilitasse qualquer tipo de atividade futura com as operações adquiridas, independente de material específico para tal, semelhanças ou estímulos. Em contrapartida e referindo a essa análise, Vygostky destaca que

“[...] a mente não é uma rede complexa de capacidades *gerais* como observação, atenção, memória, julgamento etc., mas um conjunto de capacidades específicas, cada uma das quais, de alguma forma, independe das outras e se desenvolve independentemente. O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidades para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas.” (VYGOTSKY, 2007, p. 92-93, grifo do autor).

Concluindo que, não é porque o indivíduo estabeleceu eficácia em realizar alguma tarefa, ou adquiriu um aprendizado de algo específico, significa que terá facilidade com todos os exercícios posteriores e conseguirá resolver quaisquer outras questões. Vygotsky acredita que o sujeito recorrerá sempre a sua memória e funções psicológicas já determinadas para se alcançar algo novo, mas não compartilha da ideia de que um aprendizado em português, por exemplo, beneficiará totalmente ao aprender matemática, com recursos e materiais diferentes, tal como pregava a terceira teoria existente naquele momento.

Embora não se adapte as três posições teóricas encontradas, sua análise serviu como ponto de partida, pois permitiu maior proximidade e uma ótica mais adequada para compreender a relação entre aprendizado e desenvolvimento. Para isso, utilizou-se de dois tópicos de análise: a busca de entendimento da relação geral entre os dois processos; e, as especificidades dessa relação quando atingido a idade escolar.

### **2.3 Concepções de Vygotsky: signos, instrumentos, memória, fala, brinquedo e a zona de desenvolvimento proximal**

Pelo estudo de Vygotsky (2007; 2009), pode-se entender que apesar do centro principal da formação global do indivíduo, inclusive o aprendizado, estar

totalmente associado ao contexto social, é compreendido que existem vários fatores inclusivos nesse núcleo que afetam o nosso tópico de pesquisa: a aprendizagem. Não sendo limitada apenas a questões biológicas, e não estando completo apenas ao nascer e existir em algum ambiente, mas sendo preciso que o indivíduo se relacione com ele, no fato que é nesse ponto que se encontram todas as questões de análise defendidas como implicações e parte crucial dessa construção. E essa relação com o mundo, com o conhecimento e com a cultura só é aprendida por meio do contato com os mais experientes.

A teoria que nos baseia mostra que a essência de toda atividade humana, é determinada pelo uso de signos ou instrumentos. O primeiro vem de uma maneira abstrata para lembrar, comparar, referenciar sobre a realidade, criado no campo psicológico; já o segundo é organizado de maneira que interfira diretamente na realidade para conquistar objetivos.

“A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*.” (VYGOTSKY, 2007, p. 55, grifo do autor).

Dois elementos são primários e elementares para a construção da aprendizagem: a mediação e a memória. A mediação tem como personagens os adultos e companheiros mais capazes, da mesma maneira que a elaboração e contato com os instrumentos, objetos e signos. E a memória, que, vem aliada ao raciocínio e competências já adquiridas. É através da memória que se adquire a capacidade de pensar e reciprocamente o contrário, quando visto que “Para as crianças, pensar significa lembrar; no entanto, para o adolescente, lembrar significa pensar.” (VYGOTSKY, 2007, p. 49).

O primeiro signo utilizado pela criança para solucionar problemas e nutrir contato social é a fala, a qual só se adquire pelo contato com o outro falante, isto é, pela mediação, servindo também como um instrumento de comunicação e mediação. Dentro desse instrumento o autor elenca dois tópicos: fala socializada e



fala internalizada. A priori, o adulto é o mediador entre a criança e o problema quando ainda lhe faltam recursos necessários para resolver por si própria, o que caracteriza a fala socializada, ou seja, para a solução de questões a criança necessita dirigir suas palavras ao outro, seja para certificação ou pedido de respostas. Em seguida, conforme o avanço no seu ciclo de desenvolvimento, ao invés de socializar sua fala, ela já alcança meios de resolver sozinha apelando para seu próprio raciocínio, gerando a fala internalizada. E é através da fala que as outras funções psicológicas superiores se formam, ou seja, aquelas não inatas, que se adquirem com o contato social, como por exemplo, a memória, pensamento, percepção e atenção.

A mediação entre os pares, tão importante para o crescimento individual e social, se concretiza pela presença, compartilhamento de experiências, conhecimentos, sendo possível através dos signos e instrumentos, construídos pela sociedade e sendo influência na construção do sujeito. Porém quando se refere a mediação do adulto, não é sinônimo dizer que esse deva fornecer recursos prontos para que a criança realize alguma tarefa. Ao contrário, deve surgir pelo mediando o raciocínio necessário para se alcançar o resultado esperado, o que será promovido pelos conhecimentos já adquiridos, pelos problemas já resolvidos e vivências semelhantes que já passou, em que conseguirá estabelecer quais meios e ações que necessitará realizar para concluir o que demanda, fazendo com que se volte para aquilo que já sabe, bem como incorporar novas funções à suas operações.

No início da tentativa de resolver algo, a criança recorrerá aos signos e símbolos que estabeleceu como auxílio para se lembrar de alguma situação semelhante que viveu, assegurando assim relações com o presente, ou até mesmo elencando referências inaugurais. Pela aquisição de novas capacidades, conseguinte, não necessitará mais de estímulos externos, pois começará a se organizar internamente. Como Vygotsky nos mostra em sua pesquisa experimental com vista no processo e não no produto, onde as crianças deveriam estabelecer relações entre figuras, como por exemplo, o cavalo deveria estar relacionado com a figura da carroça. Por meio desse processo, a criança utiliza-se de signos (a figura) como também de regras para executar a tarefa e as segue, até que em determinado ponto os auxílios externos são internalizados e não são mais

necessários para executar a operação: “Eu não preciso mais de figuras. Eu o farei por mim mesma.” (VYGOTSKY, 2007, p. 80).

Outro tópico importante para entender a construção da aprendizagem é a contribuição do brinquedo. É nessa circunstância que a criança é capaz de se envolver em situações imaginárias antes não executadas, através do faz-de-conta, seja imitando a realidade ou indo além dela. Pelo brincar há a possibilidade de compor regras, tanto estabelecidas pelos adultos, como muitas vezes pela necessidade da própria criança, o que faz parte também de um elemento importante para a vida em sociedade. Para o teórico, o brinquedo é um instrumento fundamental para desenvolver funções psicológicas superiores nas crianças, a qual entendida a forma espiral de construção de aprendizado, será essencial para outros futuros avanços.

E através de todo o seu estudo, incomodado com a maneira que o aprendizado e desenvolvimento estavam sendo entendidos e emoldurados por seus contemporâneos, buscou-se criar então um instrumento que suprisse efetivamente a percepção do real nível de desenvolvimento e aprendizado, chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Nela são elencados dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro é caracterizado pelo que a criança consegue fazer sozinha e sem ajuda, ou seja, o que ela de fato aprendeu. Considera-se que esse nível seja consequência de certos níveis de desenvolvimento mental completados, ou em outras palavras, a maturação de certas funções necessárias para realizar a operação. O segundo é identificado quando a criança realiza as tarefas com o auxílio de adultos ou pares mais capazes. Uma vez que o exercício exige funções que ainda não amadureceram, ou seja, estão em processos de maturação, são “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, Vygostky (2007, p. 98). Em extrato, a ZDP é caracterizada pela diferença entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, algo semelhante a um rio com seus afluentes. Em palavras autorais:

*“[...] é o que nós chamamos a zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com*

*companheiros mais capazes.*” (VYGOSTKY, 2007, p. 97, grifo do autor).

Vygostky (2007) critica e não considera efetiva a padronização de níveis exatos referentes ao desenvolvimento humano, já que crianças mesmo que possuam a mesma idade cronológica, série escolar e algumas semelhanças de comportamento, não necessariamente possuem a mesma idade mental, ou seja, não se desenvolvem ou aprendem da mesma forma, no mesmo tempo ou com os mesmo estímulos, por fatores devido à vivência social que essas possuem, o qual é fator considerado primordialmente como influência para o desenvolvimento e aprendizagem.

Vygotsky não compartilha da ideia de que o aprendizado se forma por dedução ou intuição, sendo que esses termos se coincidem com isolamento, e o conhecimento não é adquirido de forma individual, isolada e sem interação com o próximo. Como complemento geral, as mudanças das condições históricas do ser humano também configuram outro elemento de afirmação da dispensável uniformização universal do desenvolvimento, pois o comportamento não foi, é e será o mesmo em toda história da humanidade. Por esse motivo acredita que, só é possível chegar o mais próximo ao exato estado de desenvolvimento mental da criança se considerar os dois níveis em questão: real e potencial.

#### **2.4 Relevância da teoria histórico-social para o trabalho pedagógico**

Ainda hoje, é comum nos depararmos com argumentações de que a escola é essencial e fundamental para a preparação global do sujeito. Não é de se discordar, em partes, mas “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola.” (VYGOTSKY, 2007, p. 94). É bem verdade a importância e relevância que a escola possui em nossa sociedade, mas não é somente esse o espaço para o conhecimento. Martins (2011) postula que a qualidade da escola se concentra quando esta é um ambiente próspero para ricas e profundas interações com o conhecimento socialmente elaborado, e entre criança-criança e professor-criança, sendo como um laboratório favorável às descobertas, e reunião de diferentes realidades.

Logo, Vygotsky sempre teve crença da importância da escola na construção humana, até por esse motivo que seus estudos são com vista a implicar os processos educacionais, mas nem por isso considerava esse ambiente como sendo o único propício à aprendizagem, ou o primeiro lugar em que a criança terá acesso ao conhecimento e irá se desenvolver. Pois assim sendo, não haveria razão de se considerar a existência antes da idade escolar, desconsiderando toda a vivência familiar e social, e toda a aquisição de cultura, instrução, instrumento e signos antes desse período, o qual oportuniza o processo de construção do humano.

“No entanto, já no período de suas primeiras perguntas, quando a criança assimila os nomes de objeto em seu ambiente, ela está aprendendo. De fato, por acaso é de duvidar que a criança aprende a falar com os adultos; ou que, através da formulação de perguntas e respostas, a criança adquire várias informações; ou que, através da imitação dos adultos e através da instrução recebida de como agir, a criança desenvolve um repertório completo de habilidades? De fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.” (VYGOTSKY, 2007, p. 95).

Por meio da educação escolar e do acesso aos conhecimentos científicos, é possibilitada uma ampla experiência humana, construídos pela interação, e pela capacidade do indivíduo de criar novas estruturas mentais, exigindo novas formas de adaptação, o que gera conseqüentemente, um avanço em desenvolvimento. Mas apesar de o aprendizado escolar trazer elementos novos para a criança, não significa que havia uma lacuna, um espaço em branco ou um lugar vazio para se preencher por completo no que se refere à formação desse indivíduo.

Mesmo que a caráter de valor social, os níveis de conhecimento entre formal e informal possam ser diferentes, ou, pré-escolar e escolar, não é de se negar que por meio das vivências extraescolar ou pré-escolar é possível garantir um repertório de conhecimento prévio ou até mesmo distinto, mas que possa ser de relevância para a formação do indivíduo. Não há como elevar um conhecimento a outro, até porque se o aluno inserido na escola fosse totalmente ausente de raciocínio, fala, memória, aprendizado, desenvolvimento etc., caberia à escola reorganizar e postergar seu trabalho a fim de saciar tais funções, dado que são instrumentos fundamentalmente necessários à aprendizagem escolar e são construídos em tempo cronológico vagaroso e contínuo. Tal alicerce é construído na troca de experiências com o próximo, sendo importante, então, o contato social, já que nos produzimos na relação com o desigual. Esse processo se inicia desde o nascimento, quando

precisamos do outro para obter a vida, e essa relação permanece em toda a nossa existência.

Além disso, há o fato de os problemas educacionais encontrados nos dias atuais se firmarem muitas vezes em um equívoco, em que se transfere a responsabilidade pelo o fracasso escolar para o âmbito individual, como uma heresia do aluno que não se esforça ou não tem vantagens biológicas para aprender, algo contrário a teoria histórico-cultural, fortalecida por Tulesky e Eidt (2007), quando denotam que o ser humano para ser aquilo que é, depende daquilo que aprende. Sem esquecer que sofremos de um problema social de ensinagem, caracterizados por não entender o desenvolvimento como algo individual, que deve ser respeitado em seu tempo e em suas necessidades.

Com base nas reflexões de Leite (2010), podemos lançar nosso olhar para a questão de como vemos as crianças, a vantagem que os adultos pensam possuir a respeito desse ser em formação, incompleto, como acreditam ser. E pensando dessa maneira, o processo educativo acaba se tornando um vácuo, já que a figura principal desse processo está centrada no professor, aquele que dará a luz para o sem brilho, inconcluso, sem a sensibilidade e singeleza de entender que todos sempre estaremos em mutações, assim como a sociedade, como bem nos mostra Vygotsky (2007; 2009). Muitas vezes limitando seus alunos da curiosidade, ação, possibilidades do novo, como aponta Biesta (2013, p. 22), em que se exclui a possibilidade do recém-nascido se tornar verdadeiramente algo novo, diferente do costumeiro, ou até mesmo ser um novo Gandhi, Madre Tereza ou Nelson Mandela, como comparação para confirmar a sua ideia.

É evidente a relação de poder que os adultos, em geral, exercem sobre a criança, tanto na relação familiar/social entre adulto-criança, quanto na escolar professor-aluno. O adulto tem voz forte o suficiente para agir sobre a criança, mas ela não tem o reconhecimento necessário para assim dialogar. Na dinâmica escolar, tradicionalmente, só tem valor aquilo que está estabelecido como verdade e padrão, não dando margens para uma relação de brincadeira nesse movimento. Segundo Maturana (2004) o brincar, na nossa limitação, pode ser difícil de ser entendido como uma atividade de aprendizagem. Nesse sentido, a escola deveria ser repensada e reformulada, levando em consideração as contribuições de pensadores

como Vygostky (2007, 2009), Freire (1996), Paro (2008) etc., do mesmo modo que as características do homem moderno, com vista ao resgate de valores e sentidos humanos retirados pela modernidade, fatores melhor analisados em estudos como Biesta (2013) e Masschelein; Simons (2013).

Para o autor crítico, contemporâneo, discípulo de Marx como Vygotsky, e brasileiro, Paulo Freire, uma concreta pedagogia é democrática, baseada no ouvir o educando, respeitando-o e compreendendo-o como sujeito parte e formador do conhecimento, características de sua concepção de educação horizontal, em que o conhecimento não é professado, mas construído de igual para igual, como uma troca entre os dois sujeitos, pois: “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 25). Essa afirmação não busca justificar um educador que não se prepare para sua função, que não tenha criatividade ou que seja apenas um repetidor de ideias. Ao contrário, ensinar implica em estudo, conhecimento, rigor, ética e criticidade, mas não “[...] arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo.” (FREIRE, 1996, p. 31).

Freire (1996) descreve o ato de ensinar como uma aventura criadora, protagonizada entre o educando e o educador. É uma parceria para a construção do conhecimento em que contemplará à formação de ambos, complementando-se e descobrindo-se novas maneiras de se relacionar com o mundo diferente daquela que conhece a priori. Assim sendo, essa simetria abre oportunidades para novas descobertas, no que diz respeito ao conhecimento valorizado socialmente tanto aquele que parece minucioso; a cultura, o hábito, a forma de viver de pequenos grupos, o qual tem muito a ensinar as pessoas demasiadamente compromissadas com o dia-a-dia.

“[...] insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. [...] Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência.” (FREIRE, 1996, p. 22).

Nesse sentido, o autor levanta a questão de que formar é diferente de treinar. Critica, então, com ética, respeito, verdade e lealdade defendida por Freire (1996) o

pensamento de autores, educadores e até metodologias de escolas que visam ao treinamento do aluno, restringindo assim, toda sua experiência educacional a mera aquisição de conhecimento, vulgo “educação bancária”, como produto final a competição que resultará no vestibular ou na aquisição do diploma da educação básica exigido para o trabalho.

Esvaziando todo o sentido de uma ampla e efetiva educação, como encontrada nos movimentos de educação, ditos por Paulo Freire: Sobrevivência, Convivência e Revivência – os quais se correlatam a leitura de mundo, ao compartilhamento da experiência que esse letramento proporcionou, e a transformação individual e coletiva proporcionada por esses processos com colaboração entre os pares. Sob esse ponto de vista, o estudo e a busca pela aprendizagem é a ferramenta para intervir na realidade. Partindo da perspectiva de Vygostky (2007; 2009) e Freire (1996), as pessoas, o conhecimento, a sociedade não estão estagnados. Dessa forma, nos tornamos por meio da relação com o outro e por todos os estímulos que essa ligação pode nos proporcionar, por esse motivo não é possível estabelecer previsões do futuro dos alunos por sua condição genética, como já salientado neste estudo.

Vygotsky (2007) considera a teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal como um instrumento muito eficaz para professores em sala de aula, pois é preciso na constatação do que a criança sabe e as funções que estão maturadas, bem como daquilo que não possui capacidade suficiente para realizar sozinha, pois ainda há processos para amadurecer. Dessa forma, é uma ferramenta abstrata útil para o planejamento do trabalho pedagógico, pois evidencia a importância do olhar atento dos educadores, para perceber singularidades e até mesmo variantes no próprio indivíduo já que pode não se encontrar no nível de desenvolvimento real em todos os conteúdos. E ainda, reconhecer os conhecimentos prévios (pré-escolar e escolar) para se tiver um norte do trabalho a fazer, assim como avaliar os conhecimentos já alcançados pelo aluno e aqueles que ainda se encontram no nível de desenvolvimento potencial, e precisam ser firmados.

### **3 Contextualizações históricas e contemporâneas: sociedade, infância e educação**

É bem conhecida a afirmação de que, para se compreender o presente é necessário olhar para o passado. Ainda, conforme Vygotsky (2007; 2009), nada pode ser compreendido de imediato. Por esse motivo, recorreremos à história e a contemporaneidade da sociedade, infância e educação para compreendermos o que vivenciamos nos dias atuais, pois sob os aspectos que poderemos encontrar no passado e encontramos no presente, é possível ter uma melhor compreensão das relações atuais, bem como o estabelecimento dos contextos sociais, e o que esses podem nos fazer pensar sobre a aprendizagem. Afinal, se a sociedade foi construída historicamente, foi com base nas vivências passadas e nas relações presentes. Pela consciência adquirida por consequência dessa história vivida é possível a compreensão dos contextos atuais. Freire (1979) considerava que

“Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que somos, para saber o que seremos.” (FREIRE, 1979, p. 15).

#### **3.1 Fundamentado por Ariès: História Social da Criança e da Família**

No decorrer da história da humanidade, de acordo com Ariès (2006), podemos perceber as diversas mudanças que a figura da criança teve, como foi e como é vista pelos adultos. Do século XI até o XIII, não havia distinção entre crianças e adultos, ora, o sentimento da infância não existia. Elas eram concebidas como adultos em miniaturas, não havendo o olhar de cuidado que hoje dirigimos às crianças, sendo que “[...] assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (ARIÈS, 2006, p. 99). Como exemplo, as obras de arte dessa época, como a passagem bíblica “Vinde a mim as criancinhas”, eram representadas como oito “homenzinhos” em torno de Jesus, e não da figura de criança que atualmente consideramos.

As pessoas viviam em comunidade com os adultos, sendo que a vida era vivida em público. Ariès (2006, p. 191) constata que por ocasião de toda essa



densidade social deixava esquecida a família, por que o grupo social era mais importante. Ou seja, mesmo que era reconhecida a sua existência, não era costume dar a ela algum sentimento ou valor diferente do que viviam na vida social.

A cultura da antiguidade concebia uma infância muito breve: meninos de onze anos entravam para o exército e meninas se casavam. Vale ressaltar que as meninas não tinham direito da educação escolar. Para elas a possibilidade era a educação doméstica ou religiosa, para logo assumir um matrimônio e ser donas de casa, mesmo semi analfabetas.

Entre os séculos XVI e XVII, nas camadas superiores da sociedade, começou-se a usar nas crianças trajes que a distinguiam dos adultos. Foi então, descoberta sua ingenuidade, gentileza e graça; tornando-se fonte de distração e relaxamento para os adultos, esses que as paparicavam. Nesse mesmo período, juntamente com a paparicação, surgiu um novo sentimento em relação à infância: o ódio.

Conquistado o tempo de que a criança era considerada como tal, se distinguindo dos adultos e vivendo sua fase própria e singular, alcançaremos dois sentimentos em relação à infância: a paparicação, com origem no seio familiar, em que a criança é representada com um ser engraçado e puro, que proporcionavam aos adultos risos e alegrias. E o segundo, o ódio, caracterizado por figuras exteriores, como os moralistas e educadores, mas que logo influenciaram a família e a educação, considerando que as crianças deveriam ser separadas dos adultos e disciplinadas e racionalizadas para a vida em sociedade, já que muitos mimos as tornariam mal educadas. O lema era vigiar para disciplinar. Acreditava-se que “Só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sobre todos os aspectos.” (ARIÈS, 2006, p. 104).

“Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.” (ARIÈS, 2006, p. 105).

Todavia, para se atingir o objetivo de tornar os sujeitos honrados e racionais, concebiam a ideia de que precisariam conquistá-los. Portanto, a literatura científica dos séculos XVI e XVII, era recheada de textos sobre psicologia infantil.

Conceituavam que “Era preciso antes conhecê-la melhor para corrigi-la, [...] Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos de educação.” (ARIÈS, 2006, p. 104). Contudo, eram separadas de sua família e contexto social de origem e inserida em escolas de internato ou colocada para morar com outras famílias, no chamado “contrato de aprendizagem”. Porém, mesmo em ambientes diferentes do qual nasceu, algumas ações e rituais deveriam ser semelhantes para que o sujeito mantivesse vivo o sentimento de sua comunidade natal, tais como “[...] exercícios devotos ou festivos, do culto religioso, de bebedeiras ou banquetes.” (ARIÈS, 2006, p. 116).

Outra situação de formação seria um novo estudante seguir um estudante mais velho em todas as suas vivências, tanto “[...] na alegria ou na desgraça [...]” (ARIÈS, 2006, p. 116) o que era considerado de grande valor moral para sua formação, no qual poderia ser até de maior aprendizado do que a própria escola e seu mestre. Nesses fatos podemos perceber que desde aquela época as experiências sociais eram consideradas formadoras, bem como a possibilidade do contato próximo com os “companheiros mais capazes”, como também visto em Vygostky (2007; 2009).

Em resumo, na Idade Média, as crianças são similares aos adultos, não existindo uma representação diferenciada que caracterize esse momento de infância. No Renascimento, as crianças passaram a ser vistas de um modo diferente e se afastaram do contato íntimo com a sociedade dos adultos, e começaram a ser protegidas e paparicadas. A partir da Modernidade, viu-se a necessidade de disciplinar as crianças para seu futuro, escolarizando-as. Mesmo de maneira limitada, os adultos reconheceram que as crianças tinham capacidade, ou melhor, já se constituíam humanamente desde a mais tenra idade, e que são, portanto, reprodutoras e criadoras de conhecimento, identidade e cultura.

O caráter da desigualdade social como influência para a educação não é algo novo, mas sim um fator estabelecido desde meados do século XVII, quando o ensino para os burgueses deveria ser um ensino longo, a fim de determinar uma superioridade em relação ao povo, que teria um ensino curto e inferior – parecido com o que ainda acontece nos dias atuais. Mesmo se estavam no mesmo prédio e mesma faixa etária “[...] em que cada ramo correspondia não a uma idade, mas a

uma condição social: o liceu ou o colégio para os burgueses (o secundário) e a escola para o povo (o primário)". (ARIÈS, 2006, p. 128).

A partir do século XVIII, já com a retirada da criança do vínculo com a sociedade dos adultos e a inserção na escolarização, ocorreu a distinção entre escola, jogos e lazer do burguês e do povo, formando um sistema de classes. Nesse sentido, as relações sociais estavam seguindo um rumo de distinção, em que estariam restritos aqueles do mesmo contexto social, visto que nascido nobre, morreria nobre; nascido plebeu, morreria plebeu.

### **3.2 Perspectivas atuais para a compreensão da sociedade e educação**

Após o Iluminismo, no qual a razão começou a ser guia do mundo, e não mais a religião, deu-se início, conforme Biesta (2013), a uma nova "Santíssima Trindade": racionalidade, autonomia e educação. A partir desse momento era permitido, ou muito mais do que isso, era esperado que o educador instigasse a racionalidade e o pensamento crítico em seus alunos.

Com vista em Biesta (2013), a educação proporciona oportunidades e experiências de aprendizagem. Ele considera que o papel do professor contemporâneo, deve ser semelhante ao de uma parteira que tira o ser humano das entranhas, do escuro e da dependência. Em que esse consiga "[...] atingir um estado de *autonomia racional*." (BIESTA, 2013, p. 31, grifo do autor).

Na Modernidade, há o conceito de Infância Universalizada, acredita-se em uma natureza infantil. Vivemos em diferenciar ações que são próprias de meninos e meninas, ou seja, menino não chora e menina não joga bola, entre outras. Com o mundo em que estamos, desde cedo as crianças são ensinadas, doutrinadas para competir, trabalhar e consumir. Como registrou Rousseau (2004), quando considera que a criança é um ser inocente que será corrompido pela sociedade.

No neoliberalismo, aspecto político atual, se configurou a responsabilidade pelo fracasso acadêmico e social para o aluno. Afinal existe escola, e o aluno é quem não tem capacidade de estudar, aprender ou até mesmo frequentar. Mas o fato de possuir um prédio escolar que atenda a todos os alunos, não é sinônimo de

garantia de aprendizagem. Apesar de todo ideário que possui oportunidades e igualdade para todos, muitas vezes ela não atende ao aluno trabalhador, que ao estudar a noite, pode não possuir uma educação de qualidade que oportunizará incentivos de ansiar algo novo, além daquilo que encontra em seu ambiente.

“Afinal, o acesso à educação tem tudo haver com fatos básicos como ser capaz de frequentar a escola, a instituição de ensino superior ou a universidade, e tradicionalmente aqueles grupos que não puderam organizar suas vidas em torno dos requisitos e horários das instituições educacionais foram simplesmente excluídos de muitas oportunidades educacionais.” (BIESTA, 2013, p. 38).

Freitas (2011) critica a atual educação, pelo fato dela ser pensada por economistas, empresários e reformadores, sem ouvir aqueles que estão mais próximos dessa realidade: os educadores e os alunos. Tal ideia neoliberal estabelecida por essas esferas é facilmente empregada pelos pais, seja para o alcance do emprego rápido àqueles com menos perspectivas de futuro, ou por aqueles que almejam bom desempenho no vestibular, pois em sua formação o preparo competitivo e restrito a esse fim foi fielmente cumprido. Fato esse que inibe oportunizar saberes realmente significativos em muitas escolas para a real construção do humano, como as artes, conhecimento e movimento corporal, questões de sentimento e de afetividade, contato com ampla cultura etc., pois se acorrenta o ensinar ao que se considera básico e essencial para o objetivo primário, principalmente para as camadas mais populares. Frigotto (2011, p. 17) compartilha desse pensamento, utilizando para essa conjuntura, o termo “educação básica”.

Saviani (2011) considera como modernismo vago as inspirações atuais de se agregar valor à educação por meio de denominações dadas à pedagogia, como “pedagogia do aprender a aprender”, “pedagogia construtivista”, “pedagogia corporativa”, entre outras, pois acredita que seja maneiras de levar o coletivo à conformação da ordem existente, dada a eficiência proposta por tais ideologias. Também critica a forma abrangente de avaliações em larga escala que está fortemente presente como guia para o trabalho pedagógico, sem que de fato possa verificar proporções positivas e singulares, uma vez que não é analisado a realidade do contexto escolar. O autor compartilha da ideia de Vygotsky (2007; 2009) e Freire (1979; 1996), quando se refere que o social é fundamental para a concepção do ser humano, e que esse deva ser o fundamento para o trabalho educacional, de modo

que o conhecimento sistematizado e o arcabouço teórico construído e valorizado socialmente possam ser benéficos para a prática e transformação social.

No documentário “A invenção da infância”, vemos uma reflexão do que é ser criança no mundo contemporâneo, em que ser criança pode não ter a mesma concepção de ter infância. Ora visto que crianças de diferentes classes sociais, não têm infância, pois possuem responsabilidades que não lhe caberiam nesse momento da vida. Um(a)s vivendo em condições precárias no Nordeste Brasileiro e outras em São Paulo, levando uma vida privilegiada. Ambas não têm a liberdade do erro que é consequência e necessidade da infância. Possuem uma vida tão engessada em suas responsabilidades de acordo com o seu contexto social, que não possuem oportunidade da experimentação, do brincar livremente, da liberdade de escolher se agora querem brincar de bola ou esconde-esconde.

Do lado mais pobre, no Nordeste, vimos crianças que abandonaram sua infância para trabalhar na roça, ajudar seus pais no sustento da família. Trabalham a semana toda, para ganhar R\$2,00, e no final do mês “fazer a feira”, como disse um dos meninos. Do lado rico, vimos crianças que também tiveram que abandonar as brincadeiras inocentes e descompromissadas para assumir responsabilidades precocemente. Elas não precisavam trabalhar, mas seus pais as matriculavam em curso de inglês, sapateado, balé, tênis, etc.; tinham uma agenda diária colada na parede, como disse uma das meninas. Percebemos um fato engraçado, quando o entrevistador perguntou algo como, se eles se achavam crianças, a menina rica de São Paulo disse que não, pois já é responsável. Já o menino trabalhador do Nordeste disse que sim, até encontrava tempo para se divertir no final da tarde jogando bola.

Acreditamos que a Educação é a maneira principal de recuperar e motivar as crianças para o futuro, para uma vida em sociedade. Então, precisamos criar uma relação educacional juntamente com a pessoal, ou seja, não pensar só em uma educação bancária, onde só são depositados conhecimentos obrigatórios, mas sim, uma educação movida pelo diálogo, mesclando conhecimentos essenciais, juntamente com aquilo que o aluno tem interesse em aprender. Desse modo, criaremos desde cedo nas nossas crianças, o gosto pelo conhecimento, e pelo o que é importante para elas, e, conseqüentemente formarão senso crítico, para pensar e

agir corretamente com as suas próprias vontades, e não pela cabeça de seus pais e de outros.

Na escola atual, o conhecimento vem sendo trabalhado superficialmente, e em segundo plano, pois está sendo priorizado que o sujeito adquira competências e comportamentos normatizados. Na teoria histórico-cultural é compreendido que o conhecimento é algo construído coletivamente, onde o principal papel do ambiente escolar é entender, garantir e propiciar tal didática de ensino. Sendo o conhecimento o meio para compreensão do mundo e o instrumento para guiar sua própria ação. O professor é uma figura de influência, e assim sendo, deve ser ético. Deve agir de maneira intencional para o bem-estar comum e uma formação ampla de seus alunos, com relação direta com o conhecimento. Não deve ser guiado por terceiros, como o capital, pois essa didática resultará em alienação coletiva. Um educador consciente inspira alunos conscientes.

A educação é o fundamento pelo qual é possibilitado apropriar-se da cultura humana construída historicamente, sendo consequência da interação do sujeito com os objetos, com os outros e com o mundo. Com base em estudos de Vygostky (2007;2009), o instrumento primordial que envolve todo esse movimento, é a linguagem, o comunicar-se com o outro e a elaboração do pensamento, consequência e necessidade para a consolidação dessa dinâmica. A cultura humaniza e a educação transmite e produz cultura.

A sociedade é mutável, e com ela também os valores, comportamentos e relações, o que faz com que o homem busque se adaptar nesse novo modo que se faz presente. Tendo em vista que se tem valor, conforme a função que se cumpre para a sociedade.

## 4 Contexto social e educação

“O mundo é um complexo mosaico multicultural”  
(Santos; Menezes, 2009, p. 183)

### 4.1 Vida social para a humanização, aprendizado e desenvolvimento

Podemos perceber a evolução no desenvolvimento das crianças no espaço escolar por esse exigir novas formas de adaptação e estímulos. Porém algo semelhante ocorre quando o indivíduo amplia a vivência do lar para a rua, em que é deparado também com situações formadoras. Carraher; Carraher e Schliemann (1991) puderam comprovar que crianças que vendiam balas e outros produtos em semáforo e outros lugares, conseguiam fazer contas mentalmente de forma rápida para devolver o troco, e, dentro do espaço escolar não tinham essa mesma habilidade e não apresentavam bom rendimento acadêmico. Essa capacidade adquirida foi construída na rua, pela necessidade da vida privada e do contexto social que estão inseridas. Tal fato vem consolidar para nós a afirmação de Vygostky (2007), quando postula que as aprendizagens vão além do contexto escolar.

Como no exemplo das pequenas crianças trabalhadoras citadas acima, a necessidade que se configurou a didática do ensino; elas precisavam aprender, pois precisavam trabalhar e ganhar dinheiro por um motivo praticamente óbvio: a necessidade da sobrevivência em sociedade. Outro exemplo pode ser de pessoas analfabetas que conseguem resolver situações, sem ter um conhecimento e saberes sistematizados, mas sua vivência garantem um aprendizado e conhecimentos sólidos. Como o pedreiro, que se torna tão técnico e exato em seu trabalho que é capaz de ter uma melhor visão da obra do que o engenheiro que possui ensino superior.

Conforme o ditado popular: “a necessidade é a mãe da criatividade”. Ouso expandi-lo e parafraseá-lo e dizer que a necessidade, as situações as quais somos colocados e provados a superar, e todas as vivências sociais, são a mãe do conhecimento. Biesta (2013), Freire (1979; 1996), Martins (2011), Paro (2008; 2011; 2013) e Vygostky (2007; 2009), nos deram base para formamos a ideia de que o

conhecimento é algo construído em movimento, em contato, em observação e em conjunto com o outro. Assim sendo, os momentos que me coloco em interação com o próximo, se configuram em uma relação dialética: eu sou influenciado e eu influencio; eu sou formado e eu formo.

Somente estabelecendo contato com o próximo, sendo chocado com as diferentes realidades e culturas, que posso ser presença, único e percebido no mundo, pois não sou igual aos outros. E sendo exatamente por esse motivo, é que percebo o quão semelhante somos por termos tantas distinções. A minha humanização depende das ações que desempenho no mundo, tendo relações familiares, com os vizinhos, na escola, no trabalho e vivenciando e produzindo cultura. Por esses processos é que o homem se distingue dos animais, não por evolução biológica, já que possuem semelhantes necessidades vitais, mas pela educação e pelo trabalho, o que exige o raciocínio, e conseqüentemente a aprendizagem e o desenvolvimento. Nesses contextos é possibilitada a apropriação da cultura, essa que é uma necessidade humana para assim ser chamado de homem.

A aprendizagem e o desenvolvimento adquiridos pela criança é resultado de um misto de fatores, como a interação entre os pares, as vivências no meio natural e social, e pelo acesso à cultura. A criança, pela sua própria interpretação do que encontra no local que está inserida, ou podemos dizer, pela sua subjetividade, será capaz de reproduzir a sociedade, podendo gerar algumas alterações nessa, mesmo que seja em suas brincadeiras e faz de conta, como podemos reconhecer em Vygostsky (2007), que considera esse lúdico como fator importante para o desenvolvimento e a aprendizagem, reprodução e estabelecimento de regras, construção de relações novas em sua própria brincadeira, etc.

No estudo de Simão (2014), nos é permitido uma análise interessante referente a como os movimentos corporais, os atos e os gestos pessoais são influências sociais. Considera que o ser humano deve ser compreendido como um ser biocultural, sendo que se estabelece pelo biológico e também fortemente pelos aspectos culturais, acreditando em um paralelo entre os dois segmentos, quando o biológico possui marcas da cultura e os aspectos culturais recebem influência do biológico. Salienta que o corpo é a base de todas as experiências sociais, utilizando-



se dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato; contribuindo para que o indivíduo tenha proximidade com o mundo e com os outros.

Segundo a autora, os movimentos corporais, como saudar o amigo que chega, por exemplo, é uma produção histórica, sendo então cultural e específica de determinado contexto, podendo ser até abrangente em formato de senso comum para todo um país. Mas, pois então, essa nação também se configura como sendo um contexto social diferente de outras nações. O controle corporal, com fim a disciplina e se ter uma boa “socialização” com outros, por sua vez, também se configura por um retrato das influências sociais, onde os soldados utilizam-se de passos marchados; é feito filas para pagar contas no banco, para se conservar a ordem, enfim.

#### **4.2 Conhecimento e sociedade: saberes sociais**

Freire (1996) ansiava que compreendêssemos que a construção do conhecimento não deve ser pensada como transmissão, mas como edificação coletiva e pessoal, sendo que em nossa perspectiva teórica histórico-social se tem consciência de que, o conhecimento é elaborado pela sociedade e compartilhado entre os pares, seguindo o que nutre mais sentido para determinado grupo social.

Paro (2012, p. 591) nos proporcionou o termo “sociedade do conhecimento”, se referindo que não se aprende apenas na escola, mas que a todo o momento estamos expostos a diferentes tipos de saberes e estímulos. Biesta (2013), análogo a este, concebeu esse fato como “explosão silenciosa”. Podemos refletir que a modernidade proporciona saberes informais a todo instante. Esses saberes são construídos na convivência, sendo proporcionado em contato com lugares diversos, como: academia, clubes, igreja, internet, indústria, televisão, música, dança, revistas, livros de autoajuda, etc. As experiências informais e rotineiras, ensinam, influenciam, constroem e formam.

“No fundo, passa despercebido a nós que foi *aprendendo socialmente* que mulheres e homens, *historicamente*, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a *importância das experiências informais* nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos

pátios dos recreios, em que variados gestos dos alunos, de pessoal administrativo se cruzam cheio de significação.” (FREIRE, 1996, p. 49, grifo nosso).

Se até o processo de aprender e ensinar foi descoberto socialmente, como então, se pode negar de que varia os saberes em diferentes esferas sociais? O que é valorizado socialmente são os conhecimentos sistematizados, ou seja, aqueles necessários à sobrevivência econômica, cobrados em avaliações. Mas não devemos nos esquecer de que existem diversos tipos de saberes no mundo, que dão sentido a determinados grupos sociais, religiões e trabalhos. Dos quais todos nós necessitamos em algum momento. Não há de se rejeitar que precisamos daquele que planta e colhe os frutos, verduras e grãos: os trabalhadores rurais. De quem deixa nossas ruas limpas: o gari. Ou daquele que prepara o nosso último leito: o coveiro. E da figura tão importante do professor que inspira ao conhecimento e ampliação de horizontes. Porém como na reflexão de Freire, apesar de todos quererem que seus filhos tenham bons professores, poucos são os pais que querem que seus filhos se tornem professores.

“O homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. [...] A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos. Se num grupo de camponeses conversarmos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós.” (FREIRE, 1979, p. 5).

A educação comprometida com a real formação do indivíduo, seja ela formal ou informal, é um instrumento importante para o desenvolvimento cognitivo, moral, cívico e econômico individual e coletivo. A escola, o professor, os colegas, os grupos sociais, as tecnologias e a cultura são influências para a construção do homem. E, com alusão à cultura, não devemos restringi-la só ao teatro, a música, a dança, ao cinema ou a arte, mas deve ser considerada abrangendo tudo aquilo que grupos sociais produziram, significando em seus hábitos e costumes.

O ato de conhecer as diversas facetas que existem em nossa sociedade, faz que o indivíduo consiga compreender melhor o seu próprio contexto social, entendendo o sentido de sua existência, bem como abrir seu panorama de perspectivas possíveis. Existem vários saberes em nossa comunidade, e todos são imprescindíveis para a sobrevivência humana, os quais, infelizmente, variam seu mérito de acordo com seu valor social.

Haddad (2011) admite a importância de formação humana fora do âmbito escolar quando expressa que o contexto social, familiar, tecnologias, espaços de lazer e outros, podem auxiliar e influenciar na formação do indivíduo e da sociedade. Ele compara a formação escolar e a formação extraescolar como um iceberg, onde toda parte que fica na superfície e é possível visualizar, como sendo a educação escolar; e, toda parte que está imersa e não conseguimos ver, apesar de ser bem maior, como a educação não escolar. O teórico acredita que a Educação, ou seja, a formação humana, não se limita apenas à escola. Tanto a escola como outros espaços podem fazer construir valores culturais, normas, comportamentos e conhecimentos. Sendo então, que a educação não escolar deveria ser merecedora de mais atenção, visto que está presente fortemente na vida dos indivíduos, e seria fonte de formação política e cidadã, principalmente daqueles que não frequentam o espaço escolar ou não atribuem valor para esse espaço.

Existem conhecimentos que são específicos de determinados grupos sociais, em que, na perspectiva de Santos (1996), na existência da escola, a sala de aula deve ser um campo de inúmeras possibilidades de conhecimentos. Sendo que todo tipo de saber seja transformado em senso comum, no sentido de ser oportunizado para todos, agregando em sua formação humana.

É de se saber que existem conflitos de conhecimentos na sociedade, em que podem ser difundidos de forma diferente de acordo com o ambiente social. Santos (1996) acredita que o ideal seria reconhecer que toda cultura é incompleta, por isso pode completar-se através de outras. Ainda elenca e distingue os tipos de conhecimentos em duas denominações, assim chamadas: conhecimento como regulação e conhecimento como emancipação. O primeiro, podemos entender como conhecimento dominante e limitado geralmente para os sujeitos mais “bem nascidos” e estudados, no sentido de superioridade em relação aos outros saberes. Sua trajetória é o abandono ao ponto de ignorância designado por caos e a chegada ao ponto do saber designado por ordem. O segundo é o conhecimento dominado, marginalizado, suprimido e inferiorizado. Sua trajetória ocorre do ponto de ignorância designado por colonialismo e a chegada ao ponto de conhecimento chamado de solidariedade. Deve alcançar o equilíbrio entre os dois conhecimentos, a fim de favorecer a subjetividade e sociabilidade do sujeito, pela ampla divulgação do saber, assim, gerando oportunidade de escolha.

“Ao campo pedagógico compete experimentar, pela imaginação da prática e pela prática da imaginação, essas sociabilidades e subjetividades alternativas, ampliando as possibilidades do humano até incluí-las a todas e até poder optar por elas.” (SANTOS, 1996, p. 25).

### 4.3 Contexto econômico: contexto social: grupos sociais

“Adolescente, sonhei com um bando mais real. Não era a época, não era o meu meio, o ambiente não me dava à possibilidade, mas ainda hoje eu digo: *decididamente, se eu tivesse tido oportunidade de formar um bando, eu teria feito.* E com que alegria! Meus companheiros de brincadeiras não me bastavam. Eu só existia para eles no recreio; na sala de aula eu me sentia comprometedor. *Ah! diluir-me num bando em que a escolaridade não contasse para nada, que sonho! Qual é o atrativo do bando? Dissolver-se com a sensação de se afirmar. A bela ilusão da identidade! Tudo para esquecer esse sentimento de estranheza absoluta ao universo escolar, escapar dos olhares de desdém dos adultos. Tão convergentes, aqueles olhares!* Opor um sentimento de comunidade àquela solidão perpétua, uma distância com relação ao aqui, um território para essa prisão. Deixar a ilha do lerdo a qualquer preço seria esse um navio de piratas, onde a lei seria a do murro na cara e que levaria, no máximo, à prisão. Eu os sentia tão mais fortes do que eu, os outros, os professores, os adultos, e com uma força tão mais esmagadora do que o murro, tão aceito e tão legal, que me acontecia sentir uma necessidade de vingança próxima da obsessão.” (PENNAC, 2008, p. 8, grifos nossos).

Somos controlados a todo tempo. Há em nós de forma interiorizada e disfarçada o molde que querem que sigamos; os prazeres e os desprazeres que temos direito conforme o que pertencemos. Cada contexto social reage e vida de forma única, e seus hábitos, costume e comportamentos seguirão aquilo que acreditam. As desigualdades econômicas existentes, geralmente configuram os contextos sociais.

Para pensarmos o contexto social e as influências que geram na aprendizagem, é necessário pensarmos as desigualdades econômicas e as segregações na sociedade, formando particularidades em cada ambiente. Frigototto e Ciavatta (2003) usam como analogia o termo “sociedade 80 x 20”, em que 80% da população produzem a riqueza, ora utilizam sua mão de obra para movimentar o capital, e são excluídos dos momentos de gozar o alcançado pelo lucro. Já os 20% restante são aqueles que comandam e usufruem da riqueza produzida no mundo.

Essa diferenciação é subliminarmente defendida pela política quando se distingue a educação dos ricos e dos pobres. Para o primeiro, uma educação paga, em que proporcionará um ensino propedêutico, o conhecimento facilitado com detalhes. Para o segundo uma educação rápida, técnica e profissionalizante.

Vivemos em uma sociedade, se considerarmos a configuração da política, que não pensa no bem estar comum, mas interesses próprios e minoritários. Toda essa ordem que se estabelece, na realidade, caracteriza o caos da sociedade, seguindo significados no dicionário, a total confusão e desordem. Em que certos tipos de ideologias e interesses, como por exemplo: sustentabilidade, diminuição da desigualdade, diminuição da maioria penal, etc., angariará adeptos conforme suas necessidades e interesses pessoais, marcados pela vida em sociedade, no que se refere à condição econômica e contexto social. Até mesmo o voto é influenciado pelos pensamentos sociais gerais, onde numa descrição sucinta, se você é pobre, professor e trabalhador, será influenciado a votar em determinado partido. Se é rico e empresário, o seu voto será influenciado a seguir outra perspectiva. Sendo ainda, uma frente afetando a outra, em que uma empregada doméstica, por exemplo, pode aderir e difundir o discurso do patrão.

“De facto, o capitalismo global é, mais de que um modo de produção, um regime cultural e civilizacional que se impõe de um modo tentacular a todas as instituições sociais, ao modo de vida dos cidadãos, aos comportamentos sociais, produzindo uma consciência colectiva impeditiva da afirmação de outras práticas. Os dominados, deserdados e oprimidos, sem que tenham verdadeira consciência, configuram os seus comportamentos a partir das representações dos dominadores, o que constitui um dos grandes obstáculos à crítica e denúncia da dominação e à consequente libertação.” (SANTOS; MENEZES, 2009, p. 184).

Levaremos em consideração a metáfora de Santos; Menezes (2009), “Epistemologias do Sul”, ao qual se refere ao sofrimento, exclusão e silenciamento de certos povos e suas culturas, esperando que se obtenha, superficialmente, uma nação monocultural, em que, acredita haver seres satisfeitos e felizes com o modo de vida vigente. Fazendo com que, também, seja afirmado o idealismo que o conhecimento está de acordo com a necessidade e contexto social do sujeito. Espera-se que haja crença de que as relações pessoais e sociais já estão estabelecidas biologicamente, e assim, naturalizando a vida que o sujeito leva, banalizando o sofrimento humano, como se dissesse “é assim que funciona”.

As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. (ARIÈS, 2006, p. 196). Ora ocorrido nas épocas passadas, determinou-se que as pessoas deveriam estar próximas com aqueles que possuíam condição econômica parecida, sendo que essa semelhança resultaria também em completudes em relações aos valores morais e a perspectiva de vida. Tendo visto, essa configuração determinou as distinções na sociedade e os contextos sociais, onde se junta por semelhança e separa por diferença, gerando costumes e culturas próprias: você com os seus, nós com os nossos.

Nesse mesmo sentido, também são concebidos pequenos grupos que determinam algum tipo de semelhança para agrupar pessoas. Como o caso do “grupo do Bolinha” e “grupo da Luluzinha” do desenho, em que o primeiro só é permitido a entrada de meninos e o segundo de meninas, sendo que nesses casulos eles se sentem livres para exercer ações que consideram própria de seu gênero.

No mês de maio de 1968, em Paris, ocorria uma união de jovens que tinham em comum a criticidade e a revolução. Seus atos eram pensados de acordo com os objetivos do grupo, e com isso, conseqüentemente, sua formação humana foi influenciada por aquela coletividade que pertencia e na qual acreditava em seus valores.

Rosa (2014), em sua pesquisa, descreve o momento recente em que a classe baixa invadiu o espaço da elite. Tal fato, marcado por grupos sociais que não pertencem ao mundo elitizado, viram nos shoppings centers um espaço de lazer e exerceram em massa seu direito de ir e vir, e, inconseqüentemente praticaram um ato político de manifestação, “estourando a bolha”, metáfora dita por Rosa (2014). Porém, o que nos chama mais atenção devido à nossa temática de pesquisa, é a constatação de que a classe econômica forma grupos sociais, e nesses contextos formadores geram a semelhança de ideias e propósitos que os agruparam ou distinguiram, estando essas questões latentes em suas escolhas e vida.

Os estímulos musicais também geram grupos, e é importante destacar que as músicas ditas de classe baixa, como o funk, por exemplo, em suas letras estão expressando o desejo de obter o que é comum na classe alta. No funk ostentação, como dito, é disseminado o consumo em geral, a aquisição de carros e roupas de

grifes, buscando a afirmação: “eu também posso”. Nesse mesmo estilo, vemos um desafiar aqueles que acreditam serem superiores, quando descrevem: “É som de preto, de favelado, mas toca ninguém fica parado”.

As propriedades privadas, ou melhor, o capital molda as relações sociais que moldam o comportamento individual. Cada local tem um público diferente e as pessoas levam isso em consideração quando buscam sair de casa: uns vão para o bar, outros para o barzinho. Apesar da essência desses lugares ser a mesma, algumas especificidades vão se formando para atingir o público que procuram. No escrito de Rosa (2014), esse evento é considerado negativo, pois as cidades foram construídas com a convivência com os diferentes, e esse afastamento ocasiona insensibilidade com a vida do outro.

No estudo de Werlang; Mendes (2013), o sofrimento humano é considerado além da dor física, mas um sofrimento social. Pela configuração da vida e pelas questões sociais, como injustiça, inferioridade, situações de trabalho, competitividade, cansaço, alienação e isolamento social, levam ao sofrimento psicológico e subjetivo. Essas situações são causadas pelo choque de interesses e realidades, dentro de grupos sociais onde é possível as vivências e percepções.

Pelo trabalho se insere e se exclui. É pelo trabalho que se consegue garantir sobrevivência econômica e estabelecer laços sociais. Ao contrário, há uma auto exclusão nos grupos sociais, por não se encaixar nesses ambientes e se estabelecer um sentimento de ser inútil socialmente, “[...] estariam os indigentes, as crianças sem pais, os cegos, os paráliticos e os estropiados de toda ordem.” (WERLANG; MENDES, 2013, p. 749). Assim, o trabalho gera sofrimento quanto sua configuração, mas sua ausência também chega a esse resultado. Ou melhor, estar inserido em sociedade provê situações adversas, mas não se estabelecer como parte de grupo social também gera sofrimento.

Julião (2014) aponta em sua pesquisa um fato recheado de preconceito e argumentos morais em relação à concepção das pessoas uma com as outras referente ao contexto social que estão inseridas. Seu estudo relatou que adolescentes estão sendo presos, mesmo que por poucas provas ou até mesmo por delitos que poderiam ser cumpridos por meio de prestação de serviços, restauração do erro, etc., porém, devido ao jovem não estudar, não trabalhar, o pai estar preso,

ser pobre, entre outros, são fatores considerados determinantes para a reclusão, sendo que “há no imaginário social e urbano uma associação entre violência, juventude e pobreza.” (JULIÃO, 2014, p. 21).

#### **4.4 Contexto social e perspectiva de vida**

Fundamentado de que na constituição do ser humano os fatores culturais são de maior influência e mais intrínsecos do que os de caráter biológico, ou seja, os que se adquirem naturalmente. É legítimo defender que, aqueles que estão inseridos em um contexto social que nutre valores pela educação; possuem no campo profissional empregos mais rentáveis e /ou valorizados; têm acesso a cultura, em formato mundial, teatro, livros, música, filmes etc., terão mais facilidade, ou mais, estímulos favoráveis a permanência nessa condição, do que aqueles que em seu contato social possuem uma visão limitada das oportunidades exteriores a seu contexto.

Vygostky (2007; 2009) já entendia que a convivência com determinado grupo, e aquilo que era vivenciado dentro dele, resultava na internalização desses fatores pelo sujeito, coagindo com si. E, aproveitando Freire (1979; 1996) é nessa perspectiva que acredita que o trabalho pedagógico deve-se firmar. Proporcionando ao educando o conhecimento e a leitura de mundo para entender o que ele vive e reconhecer o que há mais para viver. Pois assim, terá condições de pleitear o novo, melhorar o que vive e não ser oprimido ou infantilizado, na análise de Leite (2010), significando aquele que não tem razão, ainda não é, não tem fala e precisam que falem por ele, que decidam por ele.

Existem pessoas que mesmo nascendo em contexto econômico precário, tiveram oportunidades de vivenciar outras realidades que influenciaram em sua formação e objetivos futuros. Todavia, há aquelas que não possuem a mesma oportunidade, e sua trajetória seguirá o rumo que encontra em seu ambiente de origem. Segundo Bourdieu; Passeron (1975, p. 91) “[...] a origem social predetermina o destino escolar, isto é, tanto o encadeamento das escolhas sucessivas de carreira quanto as oportunidades diferenciais de êxito ou de eliminação que disso decorrem.”

Porém,



“Cabe ressaltar que a precariedade social não deve ser confundida com a pobreza, uma vez que é possível viver sem precariedade dentro de uma sociedade “pobre” e, da mesma maneira, se poderia viver precariamente dentro de uma sociedade considerada “rica””. (WERLANG; MENDES, 2013, p. 758).

Bourdieu; Passeron (1975) relata que a linguagem é considerada como característica de superioridade, onde dito capital linguístico como considerando uma boa fala. Nesse sentido, a linguagem, é transmitida pela família e pelo contexto social que a criança tem acesso, em que, quanto melhor a fala que o sujeito possui, melhor foram as relações sociais que ele estabeleceu, melhor dito, mais favorável foi o ambiente em que ele nasceu, mais rico e valorizado socialmente. Sendo que a sociedade que impõe o que vale mais, determinando seu valor de uso social.

Na contemporaneidade vivemos situações que desrespeitam o humano e o próximo. Há a exploração do trabalhador, não de maneira exposta como era na época da escravidão, mas o exploram por negligenciar seu contexto econômico, social e escolar. Fazem uma predestinação daqueles que podem vir a ser os futuros explorados, empregos de baixo prestígio, envolvimento com drogas e delinquência. Tudo isso é pensado levando como base o ambiente social que o ser está inserido.

O aluno que se sente socialmente, ou de qualquer outra forma desprezado ou discriminado, necessita de alguém que o motive a vencer seus limites, direta ou indiretamente, como se fosse um espelho, uma perspectiva diferente do que sou. Vemos em nossa caminhada que há pessoas que mudam algo falsamente predestinado por algum tipo de apoio e encorajamento. Porém, talvez menos comum, há pessoas que se deslocam do lugar onde estão justamente para provar que conseguem também alcançar o sucesso, atingir o mesmo nível daqueles que acreditavam que não poderia nunca vir a conseguir. Como podemos ver pelo escrito de Luz (1977) em que depois de algum tempo, os alunos que haviam sido discriminados pela professora, chocaram-se com ela mostrando que haviam alcançado o que ela jamais acreditou, e que possuíam uma boa vida.

É necessário compreender o sujeito de forma integral, de onde ele veio, como ele é e o que levou a essa formação. A criança não é apenas cerebral, pronta para aprender, mas compreende a mente, alma e corpo, formado por suas vivências. As experiências passadas, as aprendizagens adquiridas que faz com que, consiga atuar

no mundo cercado por conhecimentos, recordando o que já se sabe e relacionando com o que pode vir a descobrir.

A construção do conhecimento, levando em consideração os estudos vygostkyanos, é construída no mundo social, não como algo particular e único do indivíduo. A aprendizagem se faz na convivência com o outro, na troca de experiências, no interagir, observar e permitir ser observado. Compreendendo que, eu não existo sozinho, sendo que o meu “eu” se fez no “nós”.

Dasgupta (2008), em seu estudo sobre economia, descreve a realidade distinta de duas meninas da mesma idade que nasceram em diferentes contextos sociais. O texto transcorre na direção da análise de alguns fatores próprios da vida de cada uma e como essas variâncias determinariam o rumo de suas vidas futuras.

Becky é rica, filha de pais bem sucedidos, mora nos Estados Unidos com os pais e um irmão, a renda anual de sua família é de aproximadamente \$145.000. Seu sonho é ser médica quando crescer. Vesta é pobre, mora na Etiópia com os pais e cinco irmãos, nunca estudou, a renda anual de sua família é de aproximadamente \$5.500, sendo que 1/5 desse valor demanda de produtos agrícolas extraídos com suas próprias mãos. Ela gostaria de no futuro ter uma vida como a de sua mãe.

Vendo isso, fica praticamente evidente o fato que apesar de ambas terem a mesma idade, é visível que terão uma vida completamente diferente, de acordo com o disparate que possuem em sua vida devido as vivências proporcionadas pelo contexto social. É um triste fato, mas já naturalizamos que as pessoas que vivem nessas situações precárias, na maioria das vezes, se dizem conformadas e aceitam a vida que levam com naturalidade. Muitas dessas famílias ficam presas a essa vida por não terem opção ou visão de mundo. O modo de vida não permite traçar outro caminho se não o já trilhado pelos pais, devido à falta de informação e escolaridade.

Por detrás desse conformismo, obscuramente, podemos perceber que esse fato serve uma função sociopolítica, ou seja, fazendo as pessoas acharem que são felizes com o que tem, não desejando nada muito além daquilo, se garante o equilíbrio da economia no mundo: ricos e pobres, os que são servidos e os que servem. As oportunidades e obstáculos que circundam o contexto das pessoas são diferentes, as restrições individuais também.

Levando em consideração o capital social e o capital econômico da família, podemos observar que estes influenciam diretamente na educação de seus filhos, pois como na história de Becky e Vesta a educação é compreendida e necessária de diferentes maneiras, afinal, o papel do capital social, utilizado por Bonamino; Cazelli; Alves e Franco (2010), ou, simplesmente, grupos sociais, é um fator com grande poder no desenvolvimento das relações humanas e o capital econômico tem importância fundamental nesse processo.

“Nessa perspectiva, destaca-se a importância do capital social para as diversas frações de classe. A participação em determinados grupos ou redes sociais abre oportunidades de aumentar o rendimento do capital social e dos investimentos escolares, na forma de benefícios simbólicos (*status* ocupacional, por exemplo) ou na forma de benefícios salariais.” (BONAMINO; CAZELLI, ALVES e FRANCO, 2010, p. 489).

Com base nestas informações, verificamos que um dos motivos da diferença econômica se constitui com base nas relações socioculturais. O grupo na qual se está inserido vai influenciar nas escolhas e possibilitar oportunidades convenientes do seu meio social. Se uma sociedade é bem desenvolvida economicamente, possivelmente seus filhos terão uma boa educação; “a educação poderá influenciar a sociedade, portanto, influenciar a demanda social de educação” (SHEEHAN, 1975, p. 21).

Analisando o fato de que famílias tendem a educar seus filhos da mesma maneira que foram educados, formando-os para constituir família e para o trabalho, a tendência é que esse perfil de vida acaba se tornando um círculo vicioso que aumenta gradativamente; os filhos dessas famílias crescem com a perspectiva de vida igual à dos pais.

O trabalho da família de Vesta contribui para a preservação do capital, contudo vivem em situação abaixo do que já foi conquistado pelo gênero humano em termos de enriquecimento, comprovando o termo “sociedade 80 x 20” usado por Frigototto e Ciavatta (2003). Essa variância é determinada dependendo o espaço que os sujeitos ocupam nas relações sociais.

#### **4.5 Educação como instrumento de superação**

Considera-se, seguindo Vygotsky (2007; 2009), Freire (1979; 1996), Paro (2008; 2011; 2012), entre outros, que as vivências pré-escolar e extraescolar acarretam valia na formação do sujeito, o qual chegará à escola com sua “bagagem” (FREIRE, 1996) e/ou “capital cultural” (Bourdieu, 1975), formado pela sua realidade social.

Moreira (1994) considera que “crianças de diferentes classes sócio-econômicas já chegam à escola com uma inegável diferença” (1994, p. 20), no que se refere aos conhecimentos prévios necessários a uma efetiva alfabetização, que são construídos pelo contato com diferentes portadores de texto, contribuindo para o letramento do sujeito. Os alunos provenientes de classe social econômica mais baixa chegarão ao espaço escolar com certa desigualdade em relação aos alunos que, em seu grupo social, se relacionam com pessoas com escolaridade superior, acesso à cultura, tecnologia e outros tipos de leitura de mundo, proporcionado por viagens, por exemplo.

Porém, muito mais do que a pobreza econômica, o que mais caracteriza aspectos de alienação ou superação são aqueles ligados à educação. Paro (2008) já dizia que a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo. A falta de conhecimento se assemelha a falta de subsídios para positiva transformação pessoal ou social. Pois “[...] não há uma emancipação individual sem emancipação *social*.” (BIESTA, 2013, p. 30, grifo do autor).

Em nossa sociedade há divergências de ideias, políticas, classes sociais, entre outras. Assim sendo, há muitas racionalidades e verdades singulares, ou seja, vários modos de pensar e acreditar em aspectos diversos que variam entre pessoas e grupos sociais. Nesse sentido, é fato que podemos nos relacionar com o mundo de diversas formas, além da cognição e conhecimento, alcançando a presença, como sugere Biesta (2013). E, partindo dessas diferenças, há sujeito detentores de poder e que agem de má fé, objetivando que os mais desprovidos de saber sistematizado aceitem e não mudem sua realidade social, como se ela não fosse produção histórica e cultural, passíveis de mudança. Para assim, treiná-los para que se formem na lógica do mercado, trabalhando cada vez mais e se esforçando para garantir sua sobrevivência e desejo de mudança, obtendo o mínimo. Enquanto aqueles que dominam são os mais beneficiados dos esforços dos mais fracos.

Para Vygotsky (2007), todo conteúdo deve partir e se pautar em práticas sociais, tendo a necessidade de ser contextualizado, para que, o que se aprende dentro da escola tenha sentido fora desse espaço formal. Mas essa afirmação não é totalmente estática se referindo a aprender somente conteúdos que tem acesso em seu contexto social, mas que a aquisição de conhecimentos seja reconhecida pela sua importância e utilidade para a sociedade em geral, para não configurar fator de dominação ou inferioridade.

“[...] a alienação dos indivíduos em relação a este conhecimento os torna, indubitavelmente, mais vulneráveis à exploração no mercado de trabalho, na compra e venda de mercadorias, entre outras transações econômicas comum na sociedade atual.” (TULESKI; EIDT, 2007, p. 537).

Algumas pessoas pelas vivências negativas que possuem em seu contexto social farão com o que se vive seja diferente do que se espera, ou seja, almejam ir muito além do que hoje vivenciam. Já outras, apenas esperam que as coisas não piorem e se contentam com a vida que levam. O ato político de educar está em fazer com que os educandos passem da ação conformista e adquiram uma ação rebelde, para que as experiências que vivenciam sejam formação, mas também impulso para novas expectativas, em que se tenha esperança em atingir o novo, o que ainda não se tem.

Freire (1996, p.28) almeja que “o estudante mantenha em si o gosto da rebeldia.” Rebeldia essa necessária para vencer as suposições e imposições de e para a inferioridade, dado que nunca será alguém na vida, com valor efetivamente social. A favor disso então, o trabalho pedagógico deve-se encaminhar no propósito de garantir acesso comum de conhecimento a todos, em que cada qual traçará suas oportunidades, oportunizada em seu ambiente primário ou não. Martins (2011), à luz vygotskyana, considera que o ensino, em sala de aula, necessita levar em consideração os conhecimentos prévios, mas não sendo desconexos com a realidade e com a serventia social, de modo que o aprendizado significativo gera mudanças no psiquismo humano e na própria condição do estudante.

Freire (1996), ainda, nos deixou um legado muito inspirador, nos mostrando que todos podem ser diferentes do que são hoje, pois não há algo determinado para nos tornar reféns, se tivermos a consciência da possibilidade de mudança, já que é possível nos construir. “Só somos porque estamos sendo.” (FREIRE, 1996, p. 36),

ou seja, só nos tornamos o que somos com base em nossos laços sociais. Porque o outro, que é totalmente diferente de mim, ou até mesmo semelhante, contribuiu mesmo que inconscientemente para ser o que me tornei. Não se deve aceitar as condições impostas como destino, mas lutar para que a realidade predeterminada se altere. Pois todos podem conseguir o seu lugar ao sol. Em suas palavras, confessa que:

“Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir.” (FREIRE, 1996, p. 58).

Em seu trabalho como educador e escritor, Freire defende que o todo profissional deve ser responsável e compromissado com a sociedade. Mais ainda, o professor é influência na vida do aluno, como consequência, gera influência também na construção de seu eu. Sendo assim, o trabalho pedagógico deve ser pautado pela consciência de que, irá compor cidadãos, e por esse motivo, deve ser leal a si mesmo e aos outros. Para ele, só é possível verdadeiramente formar com vista à realidade: aquela que se tem e aquela que outros têm. Pois só é atingível atuar sobre o próprio mundo e transformá-lo, tendo esse como referencial, mas também contextos diferentes do seu, uma vez que só assim terá fundamento para a criticidade, com busca a refletir a diferença daquilo que encontro fora. Visto que esse é o real sentido de comprometer-se: agir e refletir. Para isso, mais importante de que a formação continuada e especializações, o professor deve estar atento às atualidades do mundo, para não ser mais um instrumento de alienação para seus alunos. Ainda, é necessário ampliar seus conhecimentos acerca de sua própria humanidade e a dos outros, histórico e contemporâneo, sujeito de mutações advindas da sociedade.

A educação, à luz de Freire (1979), só se fundamenta em razão do inacabamento e incompletude do homem, e é pela conseqüente necessidade de completar-se que se educa. Sendo então, a educação o próprio processo e recurso de mudança social, já que de acordo com as contribuições de Vygotsky (2007), foi disponível compreender que conforme o homem é acessível à aprendizagem, quanto mais ele vai estabelecendo relações com o que já se sabe e formando novos conhecimentos, utilizando auxílio de outros e futuramente sendo mediador para o

próximo, fazendo efetiva a transformação coletiva. Já dizia Freire (1979; 1996), que sem a educação é impossível transformar a sociedade.

Para se ter gosto pelo conhecimento é necessário que o professor inspire ao aprender. É importante partir da realidade do educando, mas muito mais do que isso é incentivar a aprender saberes diferentes do que conhece, pois por mais que sejamos incompletos até o fim de nossas vidas, cada novo aprendizado agrega em nossa construção intelectual, moral e social. Assim, o conhecimento terá sentido e valor, como cita Freire (1996, p. 29), em que “[...] o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.” (FREIRE, 1996, p. 29).

O trabalho do professor deve ser pautado como sendo um processo crítico, em que se aliam os conteúdos com a realidade social. Os conteúdos escolares devem fazer pensar em sua historicidade, com a razão de existir, de aprender e a utilidade na vida diária. Tanto para os alunos mais favorecidos quanto para os menos favorecidos deve ser dado propósito em relação ao que eles estão aprendendo, devem ser ensinados a “pensar certo”, como justifica Freire (1996, p. 29).

O ponto que é salientado sobre prover ao educando relações com o que está fora de seu contexto, possibilitará consciência e decisão para optar por aquilo que tem mais sentido para o indivíduo, ou seja, a possibilidade de planejar o seu futuro. Já dizia Freire (1996), que quando se sabe o motivo do que se vive, há a expectativa de mudança. Na íntegra: “[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar.” (FREIRE, 1996, p. 44).

O espaço escolar é caracterizado pela a disseminação do conhecimento sistematizado, interpretações subjetivas e coletivas, como reflexão e produção de novos saberes, ou até mesmo pela mera reprodução. Porém é justamente nesse ambiente que são reforçadas as desigualdades ou até mesmo produzidas, quando a escola não tem a mesma posição pedagógica em relação ao aluno desfavorecido, sendo possível fazer uma ponte com o “currículo mínimo” e “educação básica”, em que o aluno carente, muitas vezes nutrindo contato com o conhecimento formal e valorizado somente na escola, terá oportunidade de ser apresentado somente ao básico, sem ter possibilidade de aprofundamento. Para ir além é relevante se ter

alguém ou algo que sirva de inspiração e desejo, como um horizonte que se tenha vontade de desbravar para se atingir os objetivos, os quais são frequentemente baseados nos valores sociais, pois dessa forma poderá existir e aparecer no mundo marcado pelas normas.

Quando se ensina apenas o básico, seguindo como currículo as exigências das avaliações externas ditadas pelo capitalismo, ou seja pela subestimação dos alunos, falta de responsabilidade e compromisso do educador de ser inspiração e esperança para aqueles alunos que não dão valor ou não veem sentido no aprendizado, está se formando um ciclo deteriorado, em que com o passar dos anos de escolaridade, se estabelecerá um educação e um conhecimento particular cada vez mais precário, pois o aluno não conseguirá acompanhar as exigências na escolarização devido a lacuna que se estabeleceu por sempre aprender o básico, ainda mais se comparada a educação particular ou pública de melhor qualidade.

A escola é local onde une o princípio de todas as coisas. Ela é composta por pessoas de todos os gêneros e culturas, ou seja, existe uma grande diversidade de raças, valores e pensamentos. Não se resume apenas em teorias, como também construímos relacionamentos, que pela convivência nos fazem crescer e tomar lições para toda a vida.

O professor tem um papel importante e possível de transformação social: a função de compartilhar e colaborar para construção do conhecimento. Todos devem saber o que existe a descobrir e a fazer, tendo como consciência de que a educação que abre caminhos para isso. Ele deve ser comprometido com a sua responsabilidade, tem como entendimento de que “as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.” (FREIRE, 1996, p. 58).

Por um simples motivo, as diferenças, é que o conhecimento se faz diferente de pessoa para pessoa. Porém como nos salienta Paro (2008), o mais importante para se obter uma aprendizagem significativa em que os educandos realmente sejam parte do processo de ensino-aprendizagem, é que ele entenda esse saber como algo indispensável para sua vida, em que estuda porque gosta, vê sentido e encara como relevante e importante para seus objetivos pessoais.



Para complementar a ideia de Paro (2008), Moretti; Asbahr; Rigon (2011) salientam que o processo educativo só tem efetivação se o aluno participa ativamente e quer aprender. Sendo que essa vontade de querer aprender, quais conhecimentos quer mais aprender, pode ser uma herança do contexto social do aluno. Assim estabelecido, a consciência da necessidade do aprendizado deve ser também uma função educativa, pois o educador também deve ser consciente de que, a educação é capaz de promover mudanças.

O objetivo do trabalho do professor deve ser a da evolução humana, em que as crianças deixam de serem crianças e o adolescente deixe de ser adolescente. Não referindo à perda de valores, mas a superação de seu nível de aprendizagem e desenvolvimento. O fundamento é propiciar que os alunos superem aquilo que eram quando nasceram. Os conhecimentos sistematizados, com caráter intencional, provê que o sujeito desenvolva seu psíquico e seu lado humano, no sentido de que, promova a necessidade de adquirir habilidades específicas e conscientes.

## Considerações finais

Para chegarmos até o nosso foco de pesquisa: contexto social e aprendizagem foi necessário que compreendêssemos outros fatores que estavam inerentes ao tema. Por meio da teoria Histórico-Cultural pudemos compreender que a capacidade de aprender não é um fator biológico, mas sim proporcionado pelo convívio com as pessoas. Portanto, um fator de convivência, em que sou capaz de aprender aquilo que me foi oportunizado conforme o que vivencio. Tudo ocorrendo numa relação dialética no contato com os outros sujeitos: eu influencio e eu sou influenciado; eu ensino e o outro me ensina, e juntos construímos o conhecimento. A teoria de Vygotsky foi nosso embasamento, pois considera que a aprendizagem do indivíduo implica nos outros indivíduos.

Vygotsky (2007; 2009) e Freire (1979; 1996) consideram que só podemos entender algo olhando para o passado, percebendo como foi sua configuração. Por esse motivo foi realizado um breve levantamento histórico e atual para verificar como eram as relações e as circunstâncias sociais antigamente e atualmente. Constatamos que nos séculos passados desde o nascimento o sujeito era facilitado ao convívio social, sendo que as relações sociais eram vividas de forma mais intensa que a familiar. Ainda, posteriormente, as crianças eram enviadas a internatos em que aprendizagem mais efetiva se dava na convivência com crianças mais velhas e nunca deixando esquecidos os rituais de seu ambiente de origem. Nos dias atuais tanto a família como o contexto social tem influência na formação humana, porém o contexto social está se configurando de forma mais presente por fatores temporais de convívio. Todos os elementos marcam a importância do contexto social e o contato com o outro.

O objetivo geral deste trabalho era compreender as contribuições e influências do contexto social para a aprendizagem. Nos objetivos específicos buscávamos analisar se os aspectos positivos e negativos do meio social em que o alunado está inserido interferem em sua aprendizagem, e, comparar se o sentido que o alunado dá a aprendizagem sistematizada sofre influências ao contexto social que está inserido.

Se ampliarmos nossa visão para formato mundial e pensarmos na configuração dos contextos sociais veremos que dentro de um mesmo país e até mesmo dentro

de um estado específico, existem os contextos sociais que são determinados por fatores econômicos, de crença, de trabalho, de cultura, de gênero, de semelhança, enfim, formando então grupos sociais diferenciados, ou amplamente, os contextos sociais.

A pesquisa possibilitou a compreensão de que o contexto social interfere na aprendizagem, e que o conhecimento não tem o mesmo valor e o mesmo conteúdo para todas as pessoas. A importância de um conhecimento em detrimento do outro será influenciado pelo que se tem valor no ambiente social, e esse valor tanto pode estar relacionado a ausência de consciência da importância de aprender por não se ter propósitos; por encontrar sentido em conhecimentos não sistematizado, como os saberes sociais; ou, aspirar pelo aprender para determinada perspectiva, etc. Querer aprender e o que aprender é um valor social, como encontramos em Paro (2011). Baseado por Vygotsky o sujeito aprende em contato com os outros sujeitos, sendo que todo conhecimento é construído e compartilhado historicamente. Todavia, o que o sujeito aprende se faz diferente em relação ao contexto social.

O cenário social pode prover influências tanto positivas como negativas. Sabemos que o futuro do indivíduo depende das possibilidades que ele sabe que existem, sendo que essas são atributos para a perspectiva de vida. Sendo assim, se ele é capaz de apenas visualizar as limitações que encontra em seu ambiente social, possivelmente sua vida seguirá a mesma ordem, como visto em Dasgupta (2008), na história de Becky e Vesta. Por outro lado, apesar de o contexto econômico suscitar grupos sociais, as ideias do sujeito nascido em contexto mais precário podem ser guiadas por pessoas de outras classes sociais, se é possibilitado contato e conhecimento com pessoas, culturas, contextos sociais e realidades diferentes do que ele costuma encontrar, a possibilidade de escolha e perspectiva de vida se torna mais abrangente.

Foi constatado um aspecto interessante, até antes não pensado de forma crítica, em que sempre ouvimos falar de que a escola deve pautar seu trabalho pedagógico partindo da realidade do indivíduo, do que ele tem interesse. No entanto, pela literatura estudada encontramos que a educação deve ser um instrumento de superação e a escola deve ser como um laboratório de descobertas. Ou seja, não se deve jamais desconsiderar as aprendizagens informais ou saberes sociais que o

aluno traz para escola, mas se deve inspirar o aluno a aprender coisas diferentes do que ele sabe, culturas diferentes do que ele vivencia, etc., para assim ter possibilidades de escolha e não ser alienado ou marginalizado por não conhecer os conhecimentos considerados superiores.

Relavante perceber que a aprendizagem varia de contexto social, mas também que as próprias necessidades de determinado ambiente farão com que os sujeitos ajam de determinada forma e aprendam coisas que ali lhe serão úteis, como o exemplo encontrado em Carraher e Carraher (1991) dos meninos vendedores de balas que faziam contas de forma fácil e mental, sem a precisão da escola. As aprendizagens oportunizadas pelo e no ambiente social também são muito úteis para a formação humana e para a vida em sociedade, sendo que estamos a todo o momento em contato com diversos tipos de saberes, lugares e pessoas.

Apesar de reconhecer o empenho e a densidade do conteúdo para a realização desse trabalho, considero que seria também interessante e edificante a realização dessa pesquisa com outra metodologia científica (pesquisa de campo, entrevista, etc.), para encontrarmos novos panoramas, visto que o tema de pesquisa é muito pertinente.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ltc Editora, 2006. Tradução de Dora Flaksman.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). Tradução de: Rosaura Eichenberg.

BONAMINO, Alicia; CAZELLI, Sibeles; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira da Educação**, v.15, n.45, p. 487-594, set./dez. 2010.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1982. (Educação em questão). Tradução de: Reynaldo Bairão; Revisão de: Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRAHER, Terezinha; SCHLIEMANN, Analúcia; CARRAHER, David. **Na vida dez, na escola zero**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. In: Centro de Educação e Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero. Paraíba: Universidade Federal de Paraíba, 2004.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 40, n. 72, jun. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

DASGUPTA, Partha. **Economia**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

EIDT, Nara Mara. Uma análise crítica dos ideários pedagógicos contemporâneos à luz da teoria de A. N. Leontiev. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p.157-188, ago. 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12. ed. [s.l]: Paz e Terra, 1979. Tradução de: Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, Luiz Carlos de. Começar pelo começo: o que temos a oferecer aos jovens? **Caros Amigos: Especial educação**, [s.l], ano xv, n. 53 , p.11, jun. 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A alternativa implica que a sociedade assuma a educação pública. **Caros Amigos: Especial educação**, [s.l], ano xv, n. 53, p.17, jun. 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. *Revista Brasileira de Educação*, [s.l], v. 16, n. 46 jan.|abr. 2011

GUIDETTI, Andréia Arruda; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Desempenho em leitura e suas relações com o contexto familiar**. In: SANTOS, A. A. A.; BORUCHOVITCH, E.; OLIVEIRA, K. L. *Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção*. SP: Casa do Psicólogo, 2009.

HADDAD, Sérgio. A dimensão política da Educação não escolar. **Caros Amigos: Especial educação**, [s.l], ano xv, n. 53, p.27, jun. 2011.

INVENÇÃO da Infância, A. Direção: Liliana Sulzbach. M. Schmiedt Produção.s Porto Alegre – RS, 2000. 26 min. Son, Color, Formato: 16 mm.

JULIÃO, André. Juventude encarcerada. **Unesp Ciência**, São Paulo, v. 5, n. 50, p. 18-25, mar. 2014.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino

fundamental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022011000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

LEITE, César Donizetti Pereira. Tempo, experiência e linguagem: territórios de um devir infância. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.83-104, 2010. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3266703.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3266703.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2014.

LUZ, Cary. **Carta à uma professora**. 3. ed. [s.l]: [s.e], 1977.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: PUC, 2011.

MARTURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004. Tradução de: Humberto Mariotti e Lia Diskin.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: Uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Educação: Experiência e Sentido).

MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. **Portadores de texto: concepções de crianças quanto a atributos, funções e conteúdo**. In: A concepção da Escrita pela criança. Campinas: Pontes, 1994.

MORETTI, Vanessa Dias; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. **O humano no homem: os pressupostos metodológicos da teoria histórico-cultural**. Kk,[s.l], 2011.

PARO, Vitor Henrique. **A escola pública que queremos**. In: PARO, Vitor Henrique. Educação como exercício de poder – crítica ao senso comum em educação. São Paulo: Cortez, 2008.

PARO, Vitor Henrique. O currículo do ensino fundamental como tema de política pública: a cultura como conteúdo central. **Ensaio: aval. pol.públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, set. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362011000400003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000400003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

PARO, Vitor Henrique. Trabalho docente na escola fundamental: questões candentes. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 146, ago. 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742012000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

PENNAC, Daniel. **Diário de escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. Tradução de: Leny Werneck.

ROCHA, Ruth. **Nicolau tinha uma ideia**. 10. ed. Campinas: Quinteto Editorial, 1985.

RODRIGUES, Adriana. As novas formas de organização familiar: um olhar histórico e psicanalítico. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, Aug. 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2014.

ROSA, Guilherme. Os rolezinhos estouram a bolha. **Unesp Ciência**, São Paulo, v. 5, n. 50, p.30-35, mar. 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou Da Educação. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução Roberto Leal.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. **Lusófona de Educação**, Coimbra: Almedina, n. 13, 2009.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia crítica e a defesa do ensino público. **Caros Amigos: Especial educação**, [s.l], ano xv, n. 53, p.7, jun. 2011.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Nancy Capretz Batista da et al . Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 16, n. 2, 2008 .



Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2014

SIMÃO, Márcia Buss. Relações sociais na educação infantil: olhar sobre o corpo e os sentimentos. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p.101-109, jan. 2014.

SHEEHAN, John. Retornos sociais do investimento em educação. In: A economia da Educação. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nara Mara. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud.** [online]. 2007, vol.12, n.3, pp. 531-540. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a10.pdf>> Acesso em: 09 Jul. 2014

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A imaginação e a Arte na Infância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009. (Obras escolhidas). Tradução de: Miguel Serras Pereira.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Pedagogia). Organizadores: Michael Cole et al. Tradução de: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche.